LAMPIÃO da esquina

ano 3 Nº 34 Rio de Janeiro, março de 1981 — Cr$ 50,00 • Leitura para maiores de 18 anos

HOTÉIS DE PEGAÇÃO

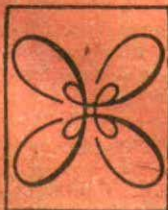
um roteiro para a EMBRATUR pensar no assunto

HOMEM COM HOMEM

(O CARNAVAL GAY)

Foto Última Hora

Foto Última Hora

ROGÉRIA

ATOR REVELAÇÃO

¿quien llora por ti argentina?

Cartas na Mesa

Bicha cristina

Darcy — Quero dar-te meus mais sinceros parabéns pela iniciativa de agrupar travestis, porque sei que o fizestes com a melhor das intenções (...) Parece-me, porém, que como guei tenho todo o direito de dirigir-me ao Lampião, no sentido de aprovar ou desaprovar as afirmações feitas a respeito dos gueis em geral, travestis ou não (...) o que mais dia, menos dia, acabam por nos atingir a todos (...) Quero dizer-te que não posso aprovar a atitude que o Lampião tem tomado em relação ao travesti. No teu artigo falas em "conscientização" — ora, mas o que seria esta conscientização? Em que admitamos o travestismo como uma opção plausível? Pra que maior capitulação face ao sistema? Por que não nos travestirmos também, se admitimos como viável tal opção de vida? Será que estaremos agindo em sã consciência?

O Lampião só tem feito aprovar o travestismo, quando estamos cansados de saber que grandes males decorrem da prostituição do homossexual, que grandes crimes são diariamente cometidos contra ele e que não raro ele mesmo se torna autor de violência, em conseqüência da sua opção equívoca e alienante. Aqui em Porto Alegre há não muito tempo um travesti foi morto a pauladas em plena via pública por que ameaçou com faca seu cliente, devido a um desentendimento quanto ao pagamento.

Parece-me que já é hora do "nosso jornal" (?) adotar posição mais digna, mais cordata. Como é possível que um periódico libertário fature em cima da alienação das pessoas? Isto é mais um pecado social pelo qual prestaremos contas ao Senhor. Lembra que teremos de responder Àquele que tudo sabe (...) por nossas ações e omissões (...) Estamos formando o grupo de Porto Alegre etc. etc.

Paulo C. Bonorino — Porto Alegre.

R — **Meu queridão — Boa parte da minha resposta já lhe foi dada no último Lampa na carta do Carlos Schoor, seu conterrâneo, e que está formando o grupo "Terceiro Mundo". A parte restante é mais ou menos a mesma de outras respostas às suas cartas, mas que agora repito: sua visão ideológica do movimento homossexual é incrivelmente estreita e unilateral. A contragosto poderia acrescentar que ela é preconceituosa e fascistóide — só não o faço porque acredito nas suas boas intenções. Somos opostos, portanto, ideologicamente. Entendo "conscientização" de e sobre homossexualismo num sentido muito amplo, sem a determinação das castas ou dos eleitos. Meu conceito visa, então (muito pretenciosamente, reconheço), não só conscientizar os homos dos nossos direitos de igualdade, como ao maior número possível de heteros. Mais ainda: se necessário (e é!) estendê-lo até o teu Deus judaico-cristão para que não continue alheio à segregação e perseguição que temos sofrido sob as vistas Dele que, como você diz, tudo sabe (e tudo vê) por ser onisciente. É claro que travestismo é uma opção possível! Se ele existe e está aí, como todas as outras, qual a dúvida? Ou você só pretende dar carteirinha de homossexual a quem julgue digno disto perante o Senhor que está no Céu?**

Os travestis, que você só julga pela aparente fachada consumista do sistema, são à sua maneira muito mais contestadores que nós, os carneiros obedientes que, se quisermos sobreviver sem fazer parte dos estereótipos permitidos e úteis (costureiros inteligentes, cabeleireiros habilidosos, decoradores refinados), temos que nos disfarçar de heteros, o que não deixa de ser travestismo e prostituição.

Estranha (ou ingenuamente) você acusa o efeito e libera de culpa a causa maior, que é a injustiça oficializada do sistema. Sua versão da tragédia do travesti linchado a pauladas, por exemplo, parece calcada na imprensa marrom. A priori, você decidiu que a opção do travesti (poderia ser qualquer outra que você também não aprovasse) é equívoca — mas é equívoca em relação a qual padrão social ou a qual luta? E alienante — será alienante, por acaso em relação ao "democrático sistema político-social" em que vivemos? Ou à nobre e digna tradição da família brasileira? Ou à religião? Qual religião?

A alienação do homossexual só pode ser vista como uma imposição do sistema, nunca dentro da nossa luta comum. Outro item: no trabalho ideológico e profissional dos editores do Lampião podem ser apontadas falhas, muitas até, mas nunca posicionamentos que não sejam conscientes e dignos. Quanto ao sermos cordatos, CRUZES! Não nos confunda com velhas tricoteiras! Somos jovens e abertos (de cabeça), e bastante esputanados e irreverentes. Portanto, não espere jamais, de nós, a acomodação ou a concordância naquilo em que não acreditamos. Darcy Penteado.

Gathos e sapatos

Darcy — (...) No mês de novembro fui procurado pelo J... pra transar uma reunião especial do Gatho com a sua presença. Achamos a idéia ótima e convidamos também amigos que não pertencendo ao grupo eram simpáticos à nossa militâncias, tanto que na reunião, em termos numéricos, os dos Gatho eram minoria. Infelizmente procurei de todas as maneiras recebê-lo bem, na minha forma, é lógico. Se não o bolinei (N.R.: Vide Lampião anterior, artigo "Veredas Tropicais") foi porque não senti nenhuma atração sexual por você e não sou do tipo que procura (falsamente) agradar. Pra grande surpresa li a matéria do mês de janeiro e acho que você tratou o assunto DESONESTAMENTE, passando informações FALSAS de fácil comprovação: o local onde foi realizada a reunião foi o Centro de Cultura Luiz Freire, entidade sem fins lucrativos etc. etc.

Zé Albuquerque — Recife.

R — **Escuta, Zé: "Errar é humano, "perdoar é divino", assim falava Carole Lombard nos seus momentos de verdadeira clarividência. (Frase colhida por Manoel Puig e traduzida do original inglês por Francisco Bittencourt). Agora digo eu: "Errei sim, reconheço o erro e de mãos postas, em súplica, peço que me perdoes. O local devia ser mesmo esse e não a sede do P.T. (ou da Convergência?), conforme escrevi no artigo. Acontece que pra mim tanto faz; o preconceito, quem está levantando agora é você. Eu queria papear com vocês, inclusive sobre política partidária e foi o que fiz. Quanto a não ter sido bolinado naquele momento em que as luzes se apagaram, nem de longe me ocorreu você. Pensei num rapaz de barba, se não me engano à minha esquerda, ou mesmo no meu "caso", também presente e que poderia ter feito a gentileza. Meu "caso" é um tesão, você não achou? Muito triste é que as pessoas estejam perdendo — ou nunca tiveram — senso de humor — o que em bicha é indesculpável. Se o Gatho não está diretamente ligado a nenhum pratido, concordamos que é a melhor solução, porque a nossa luta específica continuará sendo prioritária no Recife, felizmente, até decisão em contrário.** (Darcy Penteado).

Tendo coragem

É com muita ansiedade e tensão que lhes escrevo. Sou alguém levado pela curiosidade e necessidade de me conhecer e me entender como ser humano, que, em junho/80, me tornei um assinante do Lampião. Tenho a lhes dizer que só ganhei alegrias, desde quando os descobri, e daí passei a me liberar, e ainda estou em transição de mudança. Tudo que vocês possam imaginar em matéria de ignorância e desrespeito ao ser humano homossexual por aqui existe. Foi preciso eu pensar muito antes de assinar Lampião, e tenho andado amedrontado, pois minha cabeça mudou muito em relação à sociedade, e o perigo por aqui é ser marginalizado. A gente é pobre, vive com a família reprimido de todos os lados; não foi atoa que já fiquei dois meses internado em um sanatório de doentes mentais aqui. Foi terrível, já faz um ano e meio, mas as marcas deixadas e enraizadas dentro de mim estão muito vivas.

Olha gente, nem sei se deveria escrever coisas assim, mostrando uma inocência e ingenuidade que talvez possa até me prejudicar, porém, confio nesse jornal e espero estar sendo correto e julgá-los positivamente. Queria sugerir ao jornal que publicasse matérias nos informando e esclarecendo sobre o trabalhador homossexual. Partindo de mim, tenho a dizer que o principal obstáculo que me impede de tornar-me um homossexual declarado e assumido perante a sociedade é a questão do mercado de trabalho. Eu sobrevivo dependente do trabalho. Não sou um mão-de-obra qualificada, e meu emprego atual posso dizer ser o meu cativeiro. Dependente dele para o arroz com feijão de todo dia, fico sujeito a aceitar as regras machistas e moralistas que praticamente podam toda a expressão liberatória que hora nasce dentro de mim.

Lendo Lampião, meu interior se libertou, mas ficou preso ao mundo que me cerca, condenado à gaiola repressora da sociedade. Sou como um pássaro que nasceu cativo; de repente lhe dão a liberdade e ele, sem conhecer o mundo e as leis de sobrevivência da natureza, estaria condenado à morte.

Sou uma pessoa medrosa, porém admiro os corajosos como os redatores do Lampião, como os homossexuais que têm a liberdade de se amarem e não se incomodam com a marginalização que lhes cai às costas, porque são fortes e sábios, conquistaram sua independência financeira e por isso não devem satisfação a ninguém. Infelizmente eu devo satisfação ao meu local de trabalho, às pessoas que convivem diariamente comigo, que, se soubessem da minha realidade, me atirariam ao lixo.

Uma agitação muito grande está nascendo dentro de mim, estou querendo fundar um grupo homossexual em Amparo e partir pra briga com a sociedade local. Já tentei dialogar com outros homossexuais daqui e fiquei decepcionado com a cabeça deles; falei do Lampião e insisti para que assinassem; eles ficaram amedrontados e me preveniram dos perigos que corro em andar com essas idéias que estou querendo pôr em prática. Tenho consciência dos perigos e sei que meu emprego está ameaçado, que minha família jamais me aceitaria, mas é pra lutar contra isso mesmo que quero unir as forças.

Sou um pequeno ser humano, sem vez e sem voz para nada, porém me sinto vingado e chorando interiormente quando alguém como eu sai das trevas à luz do mundo e atira merda na cara da sociedade, o que ela nos faz ininterruptamente. Admiro este jornal, leio-o escondido de todos que me cercam, e às vezes me sinto um idiota por ser diferente de todos que me cercam. Há oito meses atrás eu vivia me violentando para ser igual a eles, mas agora, por esse tempo todo que li esse jornal, criei coragem de me olhar como sou e me aceitar diferente do resto, e a criar esperança de num futuro próximo sair à luz do mundo, como muitos homossexuais já fizeram. Fica aqui minha admiração pelo trabalho de vocês. Irei sempre que puder divulgar esse jornal , porque vocês falam pela minha garganta muda, e que está louca para gritar mas não pode.

L.P. — Amparo, SP

ENTENDIDA PASSIVA, Universitária, bonita, 26 anos, 1,68m, 53Kg, cabelos e olhos castanhos. Curto cinema, boite, praia e muito carinho. Gostaria de conhecer panterinhas ativas com idade entre 20 e 25 anos, bonitas, femininas e que morem na Zona Sul do Rio. Retrato na 1.ª carta. Vanessa Peres — Posta Restante, Agência Gustavo Sampaio, Leme. — RJ — CEP: 22.010.

CASAL ENTENDIDO nível médio, 35/31 anos, discreto e liberal, deseja contatos para fins de amizade ou algo mais, com casais, garotas e mulheres (bissexuais ou não), mulheres com clitoris avantajados, lésbicas, gays e travestis. Independente de idade, raça ou credo. Cartas com foto. Tonca — Cx. Postal, 1.248 Salvador, BA CEP: 40.00

COM ÓCULOS, carioca, olhos e cabelos castanhos, 29 anos, 1,70m, 60 kg. Gostaria de corresponder-se com rapazes entre 25 e 35 anos, de qualquer parte do Brasil. Guto — Rua Monte Alverne, 43, Santo Cristo, Rio de Janeiro, RJ; CEP: 20.220.

ATIVO, 22 anos, moreno claro, 1,75m, simpático. Gostaria de corresponder-se com rapazes entre 18 e 23 anos que sejam ativos e discretos. Carlos Vieira — Cx. Postal 57.048, Centro, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20.000.

MORENO, 30 anos, discreto, bonito, deseja corresponder-se com rapaz másculo, para um forte relacionamento, podendo, inclusive, morar juntos. Carta com foto. Cx. Posta 5.203, Rio de Janeiro. CEP: 22.190.

SOU PARDO ESCURO, boa aparência, bom nivel cultural, alegre e a fim de amar. Desejo corresponder-me com rapazes ativos, solitários, de qualquer cor, altura e com idade até 40 anos. A beleza não importa, contanto que seja romântico e alegre, capaz de formar um laço de amizade sincero e duradouro. Gedemar Baptista — Trav. dos Cardosos, 52, aptº 101, Cascadura, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 21.381.

PORTUGAL — Português gay, 24 anos, bastante discreto, excelente situação econômica e cultural, procura amigo brasileiro, bastante culto, com bigode e/ou barba sensual, para amizade fraterna e possível viagem pela Europa. Antônio Joaquim Bastos Loureiro — Rua José Pedro da Silva, 1 — r/c. Esq. 2.900 — Setúbal, Portugal.

MORENA, 27 anos, arejada, pensadora e analítica, sensível, determinada, assumida, alegremente livre, leve e solta, quero ampliar meu relacionamento com as mulheres em geral, podendo pintar daí, no mínimo, uma grande amizade. Te aguardo, viu? Nilsoe Alves — Rua São Cláudio, 16-F, aptº 201, Rio de Janeiro, RJ; CEP: 20.250.

TRAVESTIS — Jovem moreno claro, cabelos e olhos castanhos, barba, 1,75m, 70kg, 28 anos, ativo, sensível e carinhoso deseja corresponder-se com travestis do Brasil e exterior, assim como jovens gueis, para amizade ou futuro compromisso. Foto na 1ª carta. Nivaldo — Cx. Postal 20.026, São Paulo, SP; CEP: 01.000.

RAPAZ, 28 anos, 1,69m, 57 kg, olhos e cabelos castanhos, nível superior, moreno de praia, deseja contatos para fins de amizade e transas. AS — Cx. Postal 1932, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20.100.

BIGODINHO SIMPÁTICO — Jovem Universitário de 21 anos, 1,70m, 64Kg, quer transar uma amizade com você que tem entre 18 e 21 anos e se acha inteligente, felino e sensível. Escreva-me xará! Geraldo Luiz — Cx. Postal 070240, Brasília, DF. CEP: 70.000

FOFINHO — Jornalista, 22 anos, 1,72m, 85 kg, moreno, olhos e cabelos castanhos, loucamente romântico, solitário e cheio de tesão. Gostaria de se corresponder com garotões entendidíssimos, não precisando serem discretos, com idade até 22 anos, residentes no Rio e dispostos a trocar o máximo de experiências afetivas e sexuais. Carlos — Cx. Postal 13.005, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20.430.

SE VOCÊ TEM MAIS DE 30, é desquitada ou viúva, feminina, assumida, porém discreta, profissional, carinhosa, amante da natureza e se está em busca de um relacionamento sincero e duradouro com alguém nas mesmas condições, escreva para **Assinante** — Cx. Postal 835, Santos, SP. CEP: 11100.

MENTE ABERTA — Gostaria de me corresponder com pessoas de todos os países. Tenho 21 anos, 1,82m, 72 kg, olhos verdes, cabelos castanhos. Podem me escrever em inglês, italiano, francês, espanhol ou português. Sérgio — Cx. Postal 339, Tubarão, SC. CEP: 88.700.

HOMENS MADUROS — Moreno claro, 29 anos, 1,80m, 85 kg, cabelos e olhos castanhos, simpático, amante de livros e músicas, procura contatos com homens maduros, entre 35 e 60 anos, charmosos e ativos, para amizade e transas. Sigilo absoluto. Marcelo — Cx. Postal 2168, Londrina, PR. CEP: 86.100.

COM O CORAÇÃO CHEIO DE AMOR PRA DAR — Carioca, loura, olhos castanhos claros, formada em Belas Artes, 1,60m, 54kg, procura garotas entendidas para um relacionamento franco e aberto. Rita — **Cx. Postal 38.034, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22.451.**

UNIVERSITÁRIA, 25 anos, cabelos e olhos castanhos. Desejo me corresponder com moças que sejam sinceras e femininas. Foto na 1.ª carta. Cláudia — Dario Pederneiras, 559, Petrópolis, Porto Alegre, RS. CEP: 90.000.

30 ANOS — 1,47m, 66kg, olhos e cabelos castanhos, alto, livre. Quero entrar em contato com entendidos de todo o Brasil ou exterior (em inglês ou francês). Fábio — Cx. Postal 2592, Porto Alegre, RS. CEP: 90.000.

Bahia: os ativistas vão à luta

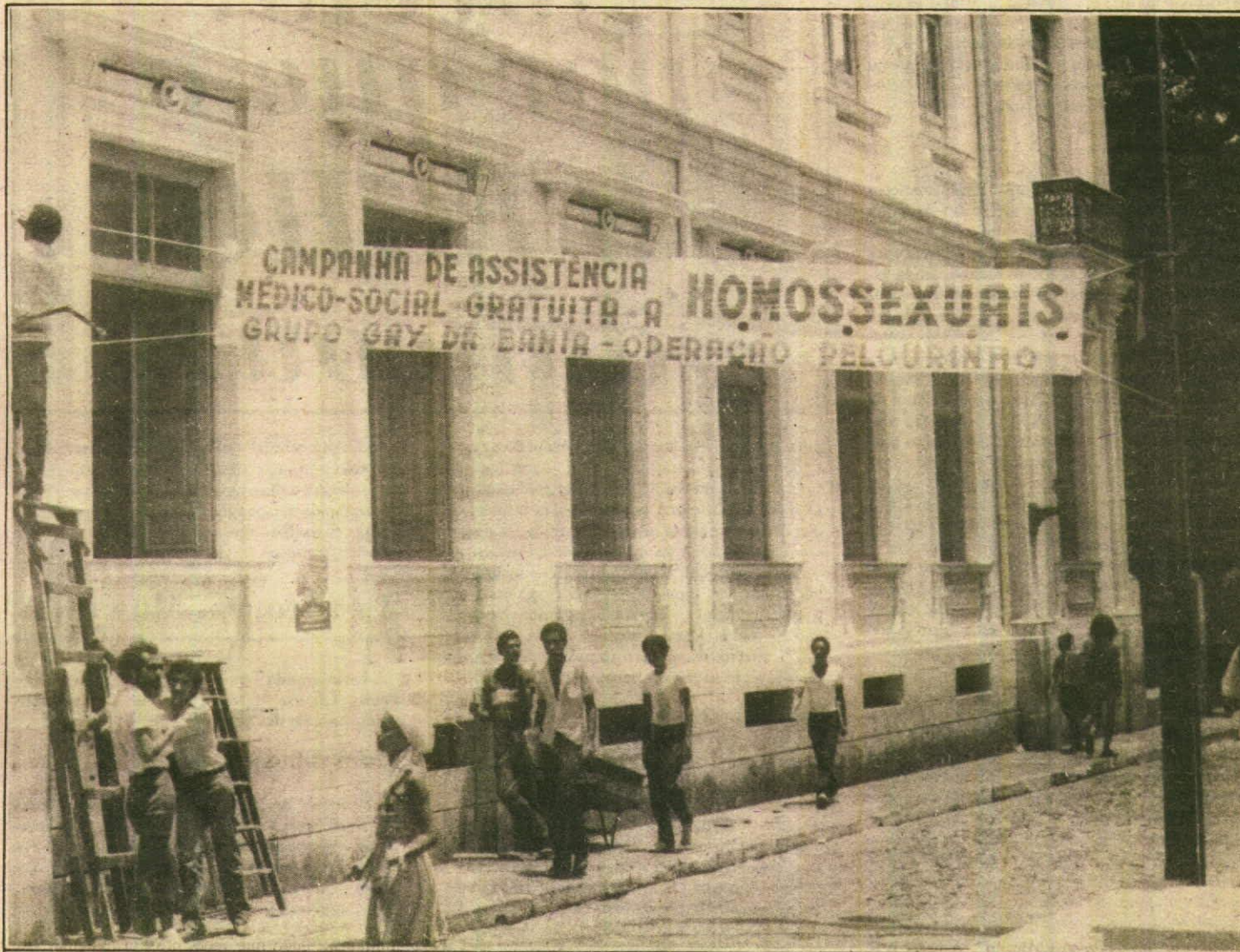
Existe uma crise no movimento homossexual. Negá-la só serve para adiar por mais tempo a discussão em busca de uma saída. Atribui-la ao Lampião, como fazem os líderes dos grupos Somos/RJ e Auê/Rio, ou é desonestidade, ou burrice. Tentar de alguma maneira superá-la através da retomada de ações práticas que substituam os estéreis debates teóricos merece aplausos. É o caso da campanha que o Grupo Gay da Bahia realizou por todo o mês de fevereiro. Tudo começou quando um professor universitário lá de Salvador (ou do Recife; desculpem, mas não me lembro) declarou que os homossexuais eram os grandes transmissores de doenças venéreas. Ele não apresentou estatísticas ou coisas assim que justificassem tal declaração, mas esta, saída do fundo de um Poço de Saber, foi logo tomada como oficial e reproduzida aqui no Sul por Ibrahim Sued com o devido tom alarmista.

Pois bem, o pessoal do GGB decidiu ver pra crer. E iniciou a "Operaçao Pelourinho", uma campanha de assistência médico-social gratuita a homossexuais. O Pelourinho, vocês, sabem, é uma espécie de zona de Salvador. Uma barra pesadíssima, onde prostitutas e xibungos vivem na pior, completamente alheios ao folclore tipo Jorge Amado/Caribé. A campanha, devidamente alardeada — o pessoal do GGB (e eles também merecem aplausos por isso) é o que mais vem botando a boca no trombone, ultimamente — com faixas nas ruas e notícias nos jornais, rendeu bons frutos. Vejam só o que escreveu o vetusto Jornal da Bahia:

"Durante o primeiro dia (da operação) aproximadamente 30 homossexuais foram examinados pelo médico, sendo que nenhum se queixou de doença venérea. Entretanto, para tirar dúvidas, lhes foram solicitados exames para constatar a presença ou não de sífilis. "Encontramos foi muita gente maltratada, com cortes profundos nos braços. Eles cortam os braços para que a polícia não os prenda, e vocês podem não acreditar, mas muitos não quiseram tratar dos cortes. Somente por serem homossexuais, estão sendo presos de roldão nessas batidas da polícia", afirmou o médico.

E mais do JB: "Na comunidade do Pelourinho supõe-se que existem de 100 a 150 homossexuais. No primeiro dia, a receptividade ao Grupo Gay não foi das melhores, até que em uma das casas de cômodo da área, onde residem diversos travestis, um passou mal, sendo imediatamente socorrido pelo médico. Ontem, outros já procuravam saber onde encontrar o doutor, e não opunham mais resistência, a exemplo do desinibido Rejane Lee. Ele espantou-se quando o médico pediu uma abreugrafia, indagando, "mas eu tenho alguma coisa no pulmão?" O doutor o tranqüilizou, dizendo que se tratava apenas de um exame de rotina.

"A maioria se queixou da atuação da polícia, considerada a inimiga nº 1 dos homossexuais. "Prendem a gente mesmo com documento e se não ficamos quietos, permanecemos por lá dois ou três dias. Antes de nos mandar embora, nos obrigam a fazer limpeza na delegacia." A prostituição tem sido a saída para a maioria, embora existam homossexuais que ainda sobrevivem de apresentações em **shows de strip-tease**. Sem condições de mudar de ambiente, os **gays**, do Pelourinho são obrigados a se conformar em pagar de Cr$ 4,5 mil a Cr$ 9 mil por verdadeiros pardieiros".

Viram só? A Operação Pelourinho resultou numa mudança total de tratamento do jornal em relação aos homossexuais marginalizados, geralmente apresentados em suas páginas como delinqüentes. Resultou, também, numa sutil mudança na cabeça dessas bichas menos privilegiadas, que costumam ver os homossexuais de classe média como seus inimigos (basta ver a resistência ao pessoal do GGB no primeiro dia, e o modo como elas aderiram à campanha depois). E resultou, finalmente, tenho certeza, em algum tipo de mudança na cabeça do próprio pessoal do grupo (a conclusão é minha, mas o que a fortalece é o tocante texto de Luiz Mott que publicamos abaixo). Ou seja: foi feito, finalmente, alguma coisa de concreto em favor dos homossexuais. E isso, meus caros, é que é ativismo. (AS)

Histórias de gente humilde

A completar teríamos a informação de que a campanha continua durante todo o mês de fevereiro, que já foram atendidos aproximadamente 50 homossexuais (n. da r.: esse texto foi escrito ainda no começo da campanha), em sua maioria, travestis que fazem trotoar pelo centro de Salvador (Rua da Ajuda e imediações). Na semana passada um incidente atrapalhou um pouco a campanha: vários travestis estavam com requisição para fazerem exames de laboratório na segunda-feira. Acontece, porém, que no domingo antecedente, a polícia de costumes levou presos sete travestis, que permaneceram na delegacia até terça-feira, só sendo libertados depois que três deles se autocortaram com giletes.

Aliás, este tem sido um dos principais problemas relatados pelos travestis — a perseguição policial. Pediram-nos insistentemente que além do atendimento médico, providenciássemos assessoria jurídica, o que estamos tentando organizar. Uma observação meio triste é que embora alguns travestis consultados manifestassem certo entusiasmo com o atendimento médico, no geral o saldo é pouco satisfatório, pois poucos foram os atendidos que procuraram de fato, fazer exames laboratoriais. Alguns, alegando ser mal atendidos nos postos de saúde, diziam estar com boa saúde, não carecendo de exames médicos.

Nossa grande preocupação foi motivá-los a procurar cuidados e assistência médica no posto de saúde que existe no Pelourinho, tendo antes visitado o diretor do Posto Médico e obtido garantia que os homossexuais não eram e nem seriam discriminados quando buscassem atendimento. O próprio posto de saúde do Pelourinho colaborou com a campanha, fornecendo ao médico do GGB prontuários para requisição de exames de laboratório e amostras grátis de medicamento.

Encontramos um caso gravíssimo de um travesti de 22 anos, branco, da Paraíba, de nome V., que, pelo uso excessivo de uma droga de nome "Algafan" (aplicada por via endovenosa), adquiriu uma infecção crônica nas duas pernas e nas mãos, estando com os membros tão inchados, pustulentos e infeccionados, que mais parecia elefantíase ou flebite — um quadro triste e repugnante. Estamos tentando o internamento de V. Há lembranças entre os travestis de mais de um caso de travestis do Pelourinho que já tiveram esse tipo de infecção e deformação dos membros devido ao uso exagerado deste medicamento (que é vendido sem receita — analgésico, a 60 cruzeiros a ampola, geralmente duas por dia). Este pobre travesti V. não pode mais locomover-se, sendo atualmente, há meses, sustentado por uma puta sua amiga, que divide consigo o minúsculo quarto, pagando 300 cruzeiros diários de aluguel. Quadro que deixaria Dostoievsky comovido.

Um saldo positivo da campanha, além da divulgação maior do GGB dentro da comunidade baiana, foi o contato dos membros do GGB com uma realidade humana das mais tristes e trágicas: miséria, vício, violência, dor. Distribuímos gratuitamente o Lampião para os travestis, aliás, tendo partido de um deles o pedido. Um quadro que nos deixou emocionados foi no dia seguinte à distribuição dos Lampa: entrando silenciosamente numa das casas onde vivem dezenas de travestis, lá no alto da escada, quietinho, estava uma travesta mergulhada na leitura do Lampião.

Dois dias após termos colocado a faixa da campanha bem na entrada do Pelourinho (vide foto), **infelizmente algum idiota se encarregou de arrancá-la. Os dois dias da faixa, mais as notícias no jornal, foram suficientes para agitar enormemente a opinião pública baiana; dezenas de pessoas, centenas mesmo, vieram dar parabéns ao GGB pela campanha. Ainda hoje tem gente que comenta o fato.** (Luiz Mott)

(Grupo Gay da Bahia — Caixa Postal 2552, CEP 40000, Salvador, BA)

Nós estamos no rádio

A apresentadora Xênia, que faz televisão e rádio em São Paulo (com enorme audiência diária) há quatro semanas (às 3ªs feiras) vem realizando mesas-redondas sobre homossexualismo no seu programa da Rádio Globo. Durante duas horas o Dr. Gaiarsa, Darcy Penteado, Henfil, alguns atores de teatro e vários elementos do grupo "Outra Coisa" botam pra quebrar.

Embora com isto a Xênia esteja fazendo a sua média, a sua boa vontade não só de discutir, como de aprender esclarecendo o público, só pode receber os nossos melhores elogios. Afinal, é raro ter-se um horário semanal de duas horas que, bem conduzido, pode ser didático e útil à luta homossexual. Pena que o pessoal de teatro disperse tempo e assunto: num dos programas, imaginem, falou-se um tempão sobre teatro infantil, enquanto outros tinham milhões de coisas importantes a dizer.

O Dr. Gaiarsa que, segundo alguns era bastante reacionário quanto a homossexualismo até alguns anos atrás, está surpreendentemente a favor; Darcy Penteado foi acusado de radical pelos elementos de teatro que em vez de aceitar a luta homossexual, ainda estão naquela de "paz e amor". O ponto alto dos programas, foi, porém, esta deixa do Evaristo, do Grupo "Outra Coisa":

"Eu sou Professor e pago INPS. Ora, se continuam insistindo nessa de que o homossexualismo é doença, eu doente, irrecuperável tenho direito de pedir aposentadoria." E acrescentou: "Mas como eu, mais de 70 por cento dos brasileiros, pelo mesmo motivo, poderão requerer aposentadoria."

Novela: por que o II EGHO dançou?

1—Acuda, Janete!

Se LAMPIÃO fosse um jornal diário, talvez conseguisse manter seu público informado a cada novo capítulo da novela "Os bastidores do EGHO". Resta saber se a novela daria ibope. Em todo o caso, e já que o jornal é mensal, aqui vai um compacto dos lances posteriores à sensacional saída de cena da comissão carioca.

O REBU

Como nossos interessados telespectadores devem estar lembrados pelo artigo do Aristides Nunes, o LAMPIÃO se propunha assumir a organização do encontro, abandonada pelos grupos cariocas. Assim, para todos os efeitos, ainda estaria confirmada a decisão tirada um ano atrás em São Paulo, de realizar o II EGHO no Rio em abril. Eis que a notícia circula rapidinho, antes mesmo que o número de fevereiro chegue às bancas. No dia 3, cinco grupos de São Paulo (Somos, Ação Lésbica Feminista, Fração Homossexual da CS, Terra Maria e Alegria Alegria) divulgam conjuntamente, uma carta, enviada a todos os congêneres do país, na qual se põem de acordo para discordar que a organização do encontro seja assumida pelo LAMPIÃO, alegando entre outras coisas que a desistência da comissão carioca se originara num "conflito" com o próprio LAMPIÃO, que a organização não tinha sido transferida para o jornal e que este, como órgão de imprensa, não poderia, ao mesmo tempo, caracterizar-se como grupo e promover o evento, sob risco de monopolizar não só os fatos como as informações.

EU COMPRO ESSA MULHER

E a carta acrescenta, muito sensatamente, que alterações de tal ordem na programação do encontro implicariam na convocação de uma nova prévia. Mas não foi isso que fizeram os cinco grupos. Na carta, eles simplesmente propunham aos demais trazer o II EGHO para São Paulo. Calendário e temário? Os mesmos. A Comissão? Os cinco grupos. As razões da proposta pareciam óbvias: resta pouquíssimo tempo até a semana santa, São Paulo já tem o **know-how** do primeiro encontro e é "campo neutro" em relação à briga dos grupos cariocas com o LAMPIÃO. Estão acompanhando, leitores? Prosseguindo: por último, os cingo grupos garantiam (?) a diversidade de opiniões capaz de manter o equilíbrio ideológico da organização. Ou seja, concordam que discordam. A carta pedia a resposta dos demais grupos até o dia 15 de fevereiro.

O GRITO

E o que acham disso tudo os demais grupos do Brasil? Comecemos por São Paulo, onde os demais são mais. No dia 2, véspera da carta quíntupla, o grupo Eros tinha emitido sua própria comunicação geral, onde descartava a idéia de que o encontro passasse para a tutela do LAMPIÃO ou de outro grupo que não fosse a comissão carioca previamente designada, e não via justificativas para a realização do EGHO se este não se efetivasse no Rio, como programado. Para o Eros, a comissão carioca não podia ter, digamos, tirado a bunda da seringa, pois no primeiro encontro os paulistas trabalharam sob dificuldades externas e divergências internas do mesmo tipo, mas nem por isso largaram a peteca.

IRMÃOS CORAGEM

Justamente no dia 15, uma reunião do MHA (Movimento Homossexual Autônomo), composto pelo próprio Eros, mais o Outra Coisa e o Libertos de Guarulhos, tirava a posição conjunta de fechar em cima da prévia de dezembro, cobrando a realização do evento no Rio. Por outras palavras, o MHA não reconhecia nem o LAMPIÃO nem os grupos paulistas como autorizados a reger o concerto. Uma posição puramente ética, só para ganhar tempo. A essa altura, seria na verdade simples perda de tempo. Se os grupos cariocas abriram mão da responsabilidade e pelo menos cinco grupos paulistas já tinham segurado o abacaxi, que faria o MHA caso o encontro fosse de fato confirmado em São Paulo? Boicotar a olimpíada? Improvisar um simpósio de não-alinhados? Bobagem. O MHA já estava decidido a participar de qualquer maneira, mas precisava deixar clara sua posição de coerência com, digamos, o passado histórico recente.

PÉ-DE-VENTO

Além disso, ainda se aguardava em São Paulo a opinião dos grupos de fora do eixo-maravilha. Até aquela data, nenhum deles tinha se pronunciado. Alguns talvez já estivessem extintos: o Terceiro Ato (Belo Horizonte), por exemplo, não dera mais sinal de vida, e o correio tem devolvido as cartas endereçadas à sua caixa postal. Pelos boatos (e boatos são tudo em política de grupo: como diria Oswald, a gente fica sabendo o que ouve e não o que houve), se sabia que os grupos da Bahia para cima alimentam a antiga intenção de realizar um encontro regional, e encaram todo o sururu Rio-São Paulo em torno do EGHO como mais uma roupa suja local — o que não significa que tal encontro regional saísse de uma hora para outra como alternativa para o impasse, muito menos para esvaziar o caráter nacional do EGHO.

ESPELHO MÁGICO

Em suma: boicotes, não. Divisionismo, nunca. Não mesmo? Até que esta edição chegue às bancas, que novos lances terão pintado? Está aí um prato cheio para quem curte suspense em conta-gotas. Tudo indica que os cinco grupos paulistas estão dispostos a não deixar cair a peteca. Mas os telespectadores já imaginam o clima competitivo dessa olimpíada.

Minha posição? Nem pensar, sou apenas mais um telespectador, desses que não ligam muito para o enredo mas torcem pelos galãs que vivem os principais personagens. E também suspiro pelo coadjú favorito, como não? Mas na vida real. (Glauco Mattoso)

2—Socorro, Magadan!

Aproveitando a sacada do meu colega de São Paulo, Glauco Mattoso, continuamos apresentando a novela das oito:

SOMOS TODOS IRMÃOS

O Somos do Rio, assim que recebeu a carta dos cinco grupos de São Paulo, aprovou a proposta em uma reunião da qual participaram sete dos atuais dez membros do grupo. Esta já era uma decisão esperada, visto que a pessoa que lidera, — para não dizer outro verbo, — aquele grupo está em litígio com um membro, — eu disse um membro — do corpo redacional do jornal Lampião. Lembramos que a decisão de abandonar a Comissão Pró-EGHO, por parte dos grupos Somos e Auê, se deu basicamente como forma de afastar a possibilidade de participação deste jornal nas reuniões da Comissão. Portanto não havia motivos para o Somos aprovar a proposta dos grupos de homossexuais que pretendiam organizar o encontro com o apoio do Lampião. Mais uma vez o sentimento revanchista (palavra muito em moda ultimamente) dos que perderam na votação da reunião prévia, da qual este jornal saiu fortalecido, não poderia deixar de ser satisfeito.

DUAS VIDAS

O jornal Lampião, no entanto, quer deixar bem claro que não existem divergências com os grupos organizados cariocas; o que acontece e que as pessoas confundem os grupos com seus líderes, e aí a coisa se complica. É claro que dentro do jornal existem pessoas que não suportam sequer o contato visual com os tais líderes (eu me incluo no meio destas pessoas), mas não quer dizer que isto se estenda a todo o grupo.

Por outro lado, não partiu do jornal Lampião a idéia de organizar o Encontro, caso a tal Comissão se demitisse. Na verdade, um grupo de homossexuais cariocas, alguns até antigos militantes, é que resolveu tomar para si a tarefa de realizar o encontro aqui de qualquer forma, já que os membros da comissão tiraram as bundinhas da reta. Esta proposta recebeu o apoio do jornal Lampião, que, como no ano passado, daria toda cobertura necessária ao evento.

ROSA BAIANA

A nossa redação recebeu uma carta do grupo Beijo Livre de Brasília que deu todo apoio ao grupo de homossexuais e ao jornal para colaborar na organização do Encontro. Mas este grupo de homossexuais, diante da falta de consenso entre os grupos organizados, resolveu se demitir dos encargos assumidos na carta de 27.1.81 enviada a todos os grupos.

Recebemos também uma carta do Grupo Gay da Bahia, onde as meninas rodam a baiana e jogam o II EGHO para abril de 1982 devido à "crise de relacionamento observada entre os diversos grupos do MH". Proposta que achamos ser a mais coerente. Dizem as bichas baianas que "por uma questão de eficácia, o GGB considera que o espaçamento de dois em dois anos para a realização dos encontros nacionais do MH é muito mais positivo e realístico", o que é uma excelente sugestão. Propõem ainda a realização de encontros regionais nos anos intermediários e já se mobilizam para realizar o 1º Encontro Regional de Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste, na próxima semana santa, juntamente com o GATHO de Recife e o Nós também de João Pessoa. Contem com o nosso apoio, queridinhas.

PLUMAS E PAETÊS

Rasgando a minha fantasia de carnaval depois do triunfal encontro dos trios elétricos na madrugada da quarta-feira de cinzas, em plena praça Castro Alves, fico indagando a mim mesmo porque o Movimento Homossexual Autônomo de São Paulo não foi chamado para organizar o Encontro juntamente com os outros cinco grupos de lá que se propuseram a tanto. Ora, o propalado know-how do encontro anterior está nas mãos de alguns militantes do MHA! Não se esqueçam, também, que o Lampião é que organizou toda a primeira prévia para o primeiro encontro, em dezembro de 1979, com reunião na ABI e passagens pagas a todos os participantes.

Mas o mais importante é que o jornal só vai apoiar uma Comissão Pró-EGHO em São Paulo que seja formada por todos os grupos organizados de lá, sem discriminações. (Aristides Nunes).

Só para cavalheiros

Fotos: Ricardo Fragoso Tupper

A esses hotéis a Embratur jamais concederia suas estrelas. Não só por causa da cotação duvidosa de todos eles, como também porque é de bom tom ignorar que eles existem. Mas pulguentos uns, outros pouco higiênicos, e apenas alguns recomendáveis, eles existem e sobrevivem, ao longo dos anos, como espécies de casamentos de resistência guel: é lá que nascem paixões, amores se fortalecem, desilusões se deflagram ou, pura e simplesmente, se vive a aventura de cada noite. São os hotéis, as pensões, as biras, as hospedarias, as bibocas e muquifos conhecidos de todos nós; são os nossos mais recônditos ninhos de amor.

A produção dessa reportagem começou quando João Carlos Rodrigues, pesquisando nos textos mais malditos do maldito João do Rio para compor a antologia História de Gente Alegre, daquele maior cronista carioca (que a gente vai publicar), encontrou essa verdadeira obra prima que é Sono Profundo: sem tirar nem pôr, um retrato das hospedarias nossas conhecidas, só que traçado no começo do século, ainda com pinceladas de art nouveau. Então já era assim?, nos perguntamos, antes de sair em campo pra descrever como é agora. O resultado está aqui.

De João do Rio, "Sono Profundo"

Os delegados de polícia são de vez em quando uns homens amáveis. Esses cavalheiros chegam mesmo, ao cabo de certo tempo, a conhecer um pouco da sua profissão e um pouco do trágico horror que a miséria tece na sombra da noite por essa misteriosa cidade. Um delegado, outro dia, conversando dos aspectos sórdidos do Rio, teve a amabilidade de dizer:

— Quer vir comigo visitar esses círculos infernais?

Não sei se o delegado quis dar-me apenas a nota mudana de visitar a miséria, ou se realmente, como Virgílio, o seu desejo era guiar-me através de uns tantos círculos de pavor, que fossem outros tantos ensinamentos. Lembrei-me que Oscar Wilde também visitara as hospedarias de má fama e que Jean Lorrain se fazia passar aos olhos dos ingênuos como tendo acompanhado os grão russos nas peregrinações perigosas que Goron guiava.

Era tudo quanto há de mais mais literário e de mais batido; nas peças francesas há dez anos já aparece o jornalista que conduz a gente chique aos lugares macabros; em Paris, os repórteres do **Journal** andam acompanhados de um apache autêntico. Eu repetiria apenas um gesto que é quase uma lei. Aceitei.

À hora da noite quando cheguei à delegacia, a autoridade ordenara uma caça aos pivetes, pobres garotos sem teto, e preparava-se para a excursão com dois amigos, um bacharel e um adido de legação, tagarela e ingênuo.

O bacharel estava comovido. O Adido assegurava que miséria só na Europa — porque a miséria é proporcional à civilização. Ambos de casaca davam ao reles interior do posto um aspecto estranho. O delegado sorria preparando com um interesse de um **maître-hotel** o cardápio das nossas sensações.

Afinal ergue a bengala.

— Em marcha!

Descemos todos, acompanhados de um cabo de polícia e de dois agentes secretos — um dos quais zanaga, com o rosto grosso de calabrês. É perigoso entrar só nos covis horrendos, nos trágicos asilos da miséria. Íamos caminhando pela Rua da Misericórdia, hesitantes ainda diante das lanternas com vidros vermelhos. Às esquinas, grupos de vagabundos e desordeiros desapareciam ao nosso apontar, e, afundando o olhar pelos becos estreitos em que a rua parece vasar a sua imundice, por aquela rede de becos, víamos outras lanternas em forma de foice, alumiando formas equívocas. Havia casas de um pavimento só, de dois, de três; negras, fechadas, hermeticamente fechadas, pegadas uma à outra, fronteiras, confundindo a luz das lanternas e a sombra dos balcões. Os nossos passos ressoavam num desencontro nos lagedos quebrados. A rua, mal iluminada, tinha candieiros quebrados, sem a capa Auer, de modo que a brancura de uns focos envermelhecia mais a chama pisca dos outros. Os prédios antigos pareciam ampararem-se mutuamente, com as fachadas esborcinadas, arrebentadas algumas. De repente uma porta abria, tragando, num som bavo, algum retardatário.

Trechos inteiros da calçada, imersos na escuridão, encobriam cafajestes de bombacha branca, gingando, e constantemente o monótono apito do guarda noturno trilava, corria como um arrepio na artéria do susto, para logo outro responder mais longe e longe ainda outro ecoar o seu áspero trilo. No alto, o céu era misericordiosamente estrelado, e uma doce tranqüilidade parecia escorrer do infinito.

— Há muitos desses covis espalhados pela cidade? indagou o advogado, abotoando o **macfarlane**.

— Em todas as zonas, meu caro.

— Em cinco noites, visitando-os depressa, informou o agente, vossa senhoria não dá cabo deles. É por aqui, pela Gamboa, nas ruas centrais, nos bairros pobres. Só na Cidade Nova, que quantidade! Isso não contando com as casas particulares, em que moram vinte e mais pessoas, e não querendo falar das hospedarias só de gatunos, os zungas.

— Zungas? fez o adido da legação, curioso.

— As hospedarias baratas tem esse nome... Dorme-se até por cem réis. Saiba vossa senhoria que a vidinha dava para uma história.

Mas debaixo de umas das foices de luz, o delegado parara. Estacamos também.

O soldado bateu à porta, com a mão espalmada. Houve um longo silêncio. O soldado tornou a bater. De dentro, então, uma voz sonolenta indagou:

— Quem é?

— Abra! É a polícia! Abra!

O silêncio continuou. Nervoso, o delegado atirou a bengala à porta.

— Abra já! É o doutor delegado! Abra já!

A porta abriu-se. Barafustamos na meia luz de um corredor com areia no soalho. O homem que viera abrir, corpulento, de camisa de meia, esfregou os olhos, deu força ao bico de gás, encostou-se à mesa forrada de jornais, onde se alinhavam castiçais.

— É o proprietário? indagou o delegado.

— Saiba vossa senhoria que não. Sou o encarregado.

— Muita gente?

— Não há mais lugares.

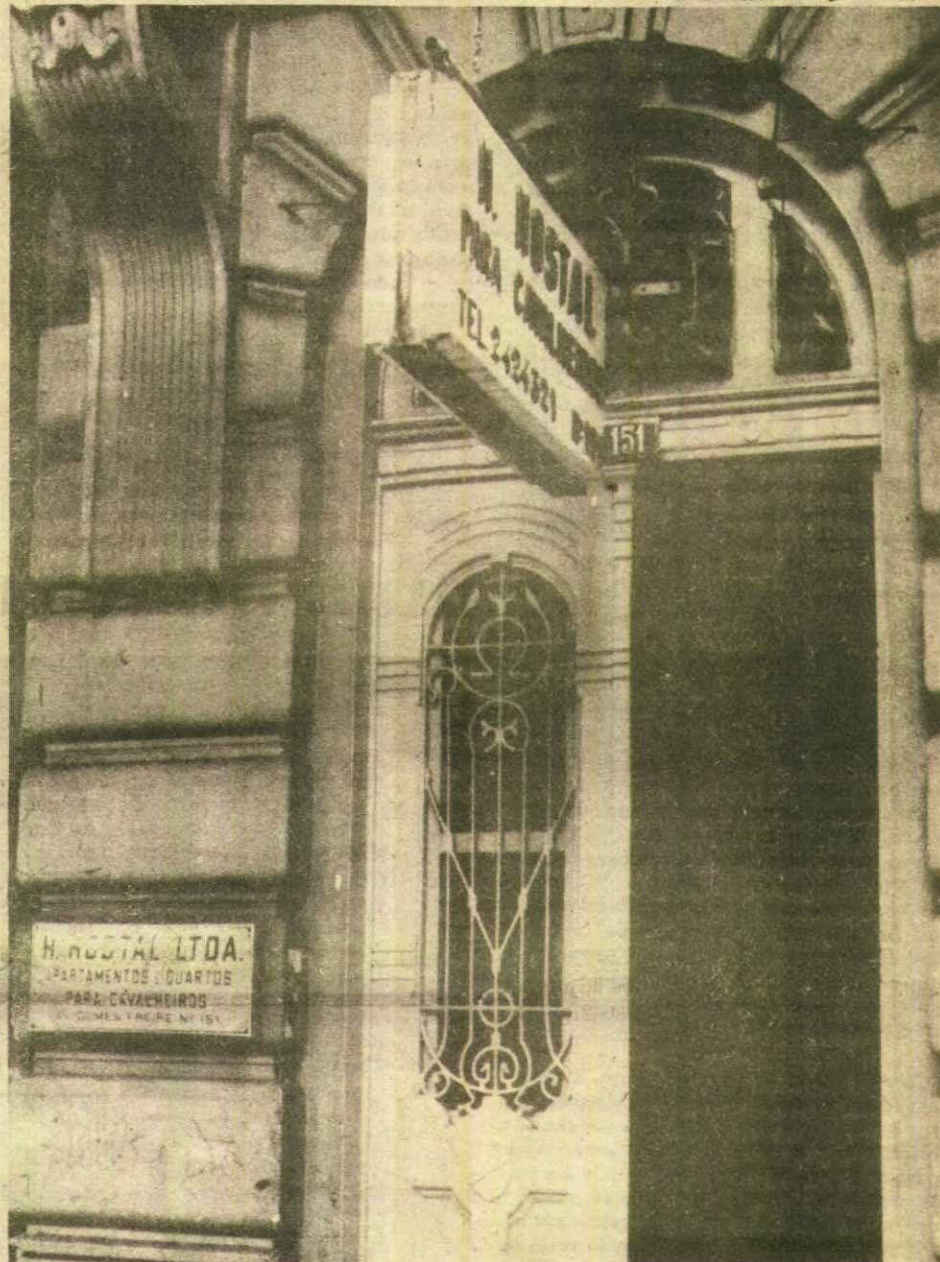
— Deixe ver o livro.

O livro é uma formalidade cômica. A autoridade virou-lhe as páginas, rápido, enquanto os secretas descançavam as bengalas. O mau cheiro era intenso.

— Mostre-nos isso! fez a autoridade, minutos depois.

— Não há acusação contra a casa, há senhor doutor?

— Não sei, ande.

O encarregado, tremendo, seguiu à frente, erguendo o castiçal. Abriu uma porta de ferro, fechou-a de novo, após a nossa passagem. E começamos a ver o rés-do-chão, salas com camas enfileiradas como nos quartéis, tarimbas com lençóis encardidos, em que dormiam de beiço aberto, babando, marinheiros, soldados, trabalhadores de face barbuda. Uns cobriam-se até o pescoço. Outros espaçavam-se completamente nús.

A mando da autoridade superior, os agentes chegavam a vela bem perto das caras, passavam a luz por baixo das camas, sacudiam os homens do pesado dormir. Não havia surpresa. Os pobres entes acordavam e respondiam, quase a roncar outra vez, a razão porque estavam ali, lamentavelmente. O bacharel estava varado, o adido tinha um ar despreendido. Não tivesse ele visitado a miséria de Londres e principalmente a de Paris! O delegado, entretanto, gozava daquele espetáculo.

— Subamos! murmurou.

Trepamos todos por uma escada íngreme. O mau cheiro aumentava. Parecia que o ar rareava, e, parando um instante, ouvimos a respiração de todo aquele mundo como o afastado resfolegar de uma grande máquina. Era a seção dos quartos reservados e a sala das esteiras. Os quartos estreitos, asfixiantes, com camas largas antigas e lençóis por onde corriam percevejos. A respiração tornava-se difícil.

Quando as camas rangiam muito e custavam a abrir, o agente mais forte empurrava a porta, e, à luz da vela, encontrávamos quatro e cinco criaturas, emborcadas, suando, de língua de fora; homens furiosos, cobrindo com um lençol a nudez, mulheres tapando o rosto, marinheiros "que haviam perdido o bote", um mundo vário e sombrio, gargolejando desculpas, com a garganta seca. Alguns desses quartos, as dormidas de luxo, tinham entrada pela sala das esteiras, em que se dorme por oitocentos réis, e essas quatro paredes impressionavam como um pesadelo.

Completamente nua, a sala podia conter trinta pessoas, à vontade, e tinha pelo menos, oitenta nas velhas esteiras atiradas ao soalho.

Os fregueses dormiam todos — uns de barriga para o ar, outros de costas, com o lábio no chão negro, outros de lado, recurvados como arcos de pipa. Estavam alguns vestidos. A maioria, inteiramente nua, fizera dos andrajos travesseiros. Erguendo a vela, o encarregado explicava que ali o pessoal estava muito bem, e no palor em halo da luz que ele erguia, eu via pés disformes, mãos de dedos recurvos, troncos suarentos, cabeças numa estranha lassidão — uma galeria trágica de cabeças embrutecidas, congestas, bufando, de boca aberta... De vez em quando um braço erguia-se no espaço, tombava; faces, em que mais de perto o raio de luz batia, tinham tremores súbitos — e todos roncavam, afogados em sono.

Um dos agentes sacudiu um rapazola.

— Hein? Já quatro horas? fez o rapaz acordando.

— Que faz aqui?

— Espero a hora do bote para a ilha. Sou carvoeiro, sim senhor... Ai! minha mãe! Vão levar-me preso!

Subitamente, porém, apalpou as algibeiras, olhou-nos ansioso. Tinha sido roubado! Houve um rebuliço. Como por enquanto, homens, havia ainda minutos, a dormir profundamente, acordavam-se. O senhor delegado alteando a voz deu ordem para não deixar sair ninguém sem ser revistado. O encarregado, com perdão do senhor delegado e das outras senhorias, descompunha o pequeno.

— Trouxe dinheiro, maricas? Já não lhe tenho dito que m'o entregue? É lá possível ter confiança nesta súcia. E a minha casa agora, e eu? Besta de uma figa, que não sei onde estou...

Os agentes faziam levantar a canalha, arreliada com o incidente, e na luz vaga os perfis patibulares emergiam com rostos cínicos de espreguiçamento.

Tanto o bacharel como o adido mostravam na face um leve suto. O delegado contemplava-os.

— Que lhes dizia eu? Uma sensação, meus caros, admirável. Subamos ao último andar!

Havia com efeito, mais um andar, mas quase não se podia lá chegar, estando a escada cheia de corpos, gente enfiada em trapos, que se estirava nos degraus, gente que se agarrava aos balaustres do corrimão — mulheres receosas da promis-

cidade, de saias enrodilhadas. Os agentes abriam caminho, acordando a canalha com a ponta dos cacetes. Eu tapava o nariz. A atmosfera sufocava. Mais um pavimento e arrebentaríamos. Parecia que todas as respirações subiam, envenando as escadas, e o cheio, o fedor, um fedor fulminante, impregnava-se nas nossas próprias mãos, desprendia-se das paredes, do assoalho carcomido, do teto, dos corpos sem limpeza. Em cima, então, era a vertigem. A sala estava cheia. Já não havia divisões, tabiques, não se podia andar sem esmagar um corpo vivo. A metade daquele gado humano trabalhava; rebentava nas descargas dos vapores, enchendo paióis de carvão, carregando fardos. Mais uma hora e acordaria para esperar no cais os batelões que a levassem ao cepo do labor, em que empedra o cérebro e rebenta os músculos.

Grande parte desses pobres entes fora atirada ali, no esconderijo daquele covil, pela falta de fortuna. Para se livrar da polícia, dormiam sem ar, sufocados, na mais repugnante promiscuidade. E eu, o adido, o bacharel, o delegado amável estávamos a gozar dessa gente o doloroso espetáculo!

— Não fe emocione, disse o delegado. Há por aquim, gatunos, assassinos, e coisas ainda mais nojentas.

Desci. Doíam-me as têmporas. Era impossível o cheiro de todo aquele entulho humano. O adido precipitou-se também e os outros o seguiram. Em baixo, a vistoria aos fregueses não dera resultado. O encarregado ainda gritava e o cabo estava nervoso, já tendo dado alguns murros. O doutor delegado teve uma última idéia — a visão de uma cena ainda mais cruel.

— Vamos ver os fundos!

Foi então que vimos sofrer inconsciente e o último grau da miséria. O hospedeiro torpe dizia que por ali dormiam alguns de favor, mas pelo corredor estreito, em derredor da sentina, no trecho do quintal, cheio de trapos e de lama nas lages, os mendigos, faces escaveiradas e sujas, acordavam num clamor erguendo as mãos para o ar. E de tal forma a treva se ligava a esses espectros da vida que o quadro parecia formar um todo homogêneo e irreal.

— Tudo grátis aos desgraçadinhos, sibilava o homem musculoso,.

Curvei-me, perto da latrina. Era uma velha embiocada num capuz preto.

Quanto pagou você, minha velha?

— O que tinha filho, o que tinha, dois tostões...

Dei-lhe qualquer coisa, e mais íntima, esticando o braço, ela indagou, trêmula:

— Porque será tudo isso? Vão levar-nos presos?

Mas já o delegado saíra com os seus convidados. À porta o encarregado esperava. Saí: a escuridão afogava os prédios, encapuchava os combustores, alongava a rua. Não se sabia onde acabara o pesadelo, onde começara a realidade.

— Basta, dizia o adido, basta. Já tenho uma dose suficiente.

— Também é tudo a mesma coisa. É ver uma, é ver todas.

— E quem diria? concluiu o bacharel, até então mudo.

Neste momento ouviu-se o grito de pega! Um garoto corria. O cabo precipitou-se.

Já outros dois soldados vinham em disparada. Era a caçada aos garotos, a "canoa". A "canoa" vinha perto. Tinham pegado uns vinte vagabundos, e pela calçada, presos, seguidos de soldados, via-se, como uma serpente macabra, desenrolar-se a série de miseráveis trêmulos de pavor.

— Canalhas! bradou o doutor delegado. E ainda se queixam que eu os mande prender para dormir na estação!

— Nós devíamos ter asilos, instruiu o adido.

— É verdade, os asilos, a higiene, a limpeza. Tudo isso é muito bonito. Havemos de ter. Por enquanto, Nosso Senhor, lá em cima, que olhe por eles!

As suas mãos, maquinalmente esticaram-se, e os nossos olhos, acompanhando aquele gesto elegante do ceticismo mundano, deram no céu, recamado de ouro. Todas as estrelas palpitavam: por cima da casaria estendia-se uma poeira d'ouro. Naquela chaga incurável, chaga lamentável da cidade, a luz gotejava do infinito como um bálsamo. (do livro **Alma Encantadora das Ruas** — 1905)

Apache — **tribo indígena do sudoeste dos Estados Unidos, notável pela encarniçada resistência que ofereceu aos brancos. Por extensão, qualquer indivíduo perigoso, notadamente ligado ao lenocínio.**

Zanaga — **vesgo, zarolho.**

Calabrês — **natural da Calábria, uma das mais pobres províncias do sul da Itália, farta em emigrantes.**

Bombacha — **calça típica da vestimenta gaúcha, muito larga e abotoada no tornozelo.**

Tarimba — **estrado de madeira onde dormem os soldados no exército.**

Palor — **Palidez.**

Sentina — **latrina.**

Embiocado — **disfarçado, oculto, escondido.**

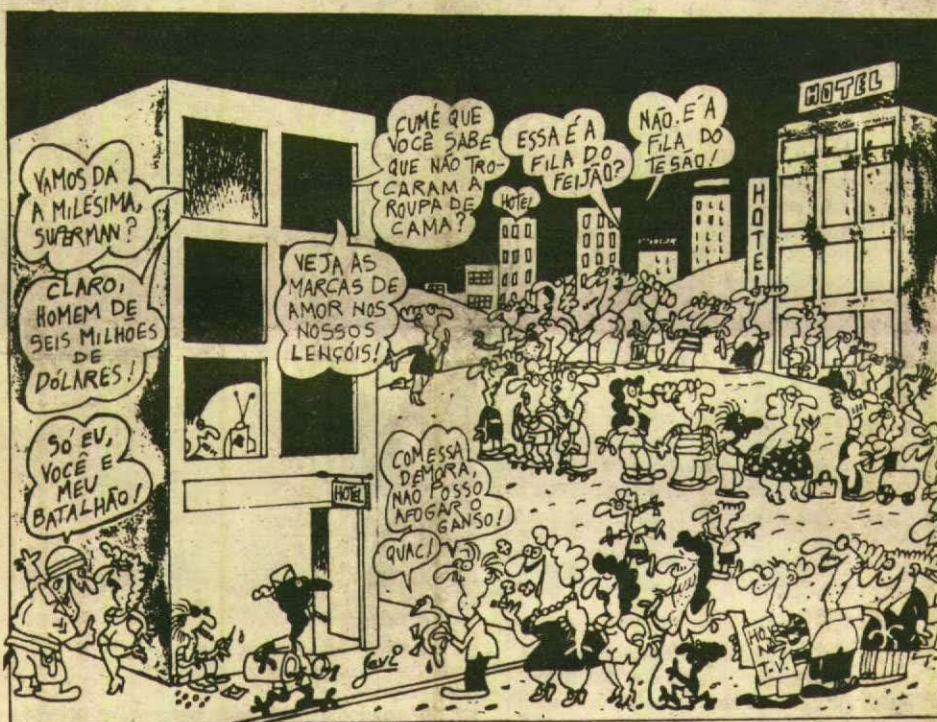
Combustor — **poste ou bico de gás para iluminação pública.**

Mil e uma noites no Hotel do Pepe

Eram exatamente 23 horas, e de repente me deu aquela vontade de gozar gostoso. Pensei: que drama! Nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, transar a esta hora, onde irei? Os cinemas de pegação já fecharam; nas saunas, a essa altura do campeonato, só tem mariconas gordinhas, que não fazem o meu tipo; a badalação pelas ruas está um horror — se as bichas não se cuidarem terão até as cuecas roubadas. Que fazer, **Dio mio?** Aí — Deus é pai! — me lembrei que uma maricona amiga minha me havia falado de um certo hotel na Rua Gomes Freire, perto da Praça Tiradentes. Contou-me das maravilhas noturnas que aconteciam por lá. **Porquoi pas?** Enchi o peito (olha, gente: não é de silicone!) e me mandei para o tal hotel.

Chego à portaria e peço um quarto. Recebo, como resposta, duas perguntas já clássicas do nosso folclore guei: "O senhor está sozinho ou acompanhado?", e "É pra passar a noite, ou só por algumas horas?"; digo que vou ficar a noite toda. Pego minha chave e me dirijo para o primeiro andar. Pelo caminho, já começo a sentir um cheiro de badalação: gente andando pra lá e pra cá; gente subindo e descendo as escadas. Passo pelo primeiro quarto e vejo uma bichinha deitada de nádegas pra cima; do segundo, sai um grito aflito: "Vamos, meu amor, vamos! Diz que eu sou sua mulherzinha!" Finjo que não vejo nada e que nada ouço, mas aquele clima todo começa a me deixar ouriçado. Vou pro meu quarto. Encontro duas camas, uma de casal e outra de solteiro. Uma luz vermelha dá o tom de cabaré dos tempos da Lapa, e confirma o velho ditado: "luz vermelha na frente da porta, sacanagem atrás..." Perto da cama de casal está a clássica mesinha de cabeceira, um autêntico móvel rococó; como uma Madame Pompadour excessivamente bronzeada, abro-a e — falso espanto da minha parte — encontro um tubo de vaselina: oh! Mas o que é que **isso** está fazendo **aqui?** A seguir, saio pela porta e procuro desesperadamente um faxineiro (faltava a toalhinha, meus amores), mas não encontro.

Depois de tomar um banho delicioso, volto pro meu quarto e trato de espargir no ar algumas gotas de um perfume de gardênia. Saio e fico parado por algum tempo, no corredor, observando o movimento. Passa uma maricona gostosa, e rapidamente me faz um convite: "Vamos brincar um pouquinho?" Obviamente que aceito. Vou até o quarto dela: igualzinho ao meu. Jogo a toalha sobre a cama, junto com a chave, e nem chego a abrir a boca: vou logo recebendo aquele ataque de felação. Claro que eu respondi ao atrevimento da bicha à altura. Em pouco, parecíamos duas cobras de quatro cabeças; já viram alguma? Pois é.

Tomo, outra vez, aquele banho gostoso. Quando já estou acabando de me secar, pressinto que sou observado. Olho em torno, e descubro aquele olhar malicioso através de uma fresta. Era um negão, daqueles que mexem com a alma. Saio do banheiro. Do lado de fora, o mancebo, como eu enrolado apenas numa toalha, abre-a e me mostra sua bagagem cultural. Quase desmaio de emoção. É como diria o famoso filósofo oriental Confúcio Clodovil the Second: "enorme e duríssima". Convido o rapaz para um papinho íntimo no meu "apartamento"; falamos de coisas triviais como o caso Tieppo e a greve do ABC,

mas tudo isso é apenas preâmbulo — o importante mesmo é fazer sexo. Faço uma viagem através do seu corpo; a cama, um barco improvisado, estala e geme, no esforço que faz para atravessar aqueles mares procelosos. Temos que fazer o maior esforço, fazer de tudo, pra finalmente chegar a um porto seguro.

Descubro que são duas horas. Estou exausto. Trato de descansar no meu berço esplêndido. Apago a luz vermelha e dou por encerrada a função no cabaré de Eva.

Às seis horas da manhã acordo com um barulho estranho: duas vozes sussurram no corredor. Levanto, pego a toalha — é o traje oficial no hotel — e vou tomar um banho. No caminho, deparo com dois rapazes empenhados num beijo tão forte que o prefeito de Sorocaba, lá longe, deve ter sentido os efeitos. Olho discretamente pros dois e sigo meu caminho. Na volta, eles já sumiram do corredor. Mas encontro outro rapaz, que puxa um papinho comigo. Trocamos algumas informações sobre o local. Papinho daqui, papinho dali, não dá outra: caímos na gandaia. Vou trabalhar pensando na noite de delírio e loucura. Foi glória!

VAMOS À LUTA?

Não é preciso dizer que, a partir daquela noite, fiquei freguês assíduo do Hotel do Pepe, também conhecido como Casa de Irene (a gente não dá o nº da Gomes Freire onde ele funciona pra não entregar; quem quiser saber que vá à luta). Foram muitas noites gloriosas. Se eu fosse descrever tudo, daria um livro. Conto, então, alguns momentos, que marcaram a minha vida pra sempre.

Estava fazendo um calor daqueles típicos do verão carioca. Todos no hotel tomam banho a toda hora. Pego a chave e corro para o meu quarto. Vou pro banheiro e tomo meu banho. Sou, então, convidado pra esfregar as costas de uma maricona maravilhosa. Não hesito e vou à luta.

Escuto, vindo de um dos quartos, o som de um coro cantando "parabéns pra você". Corro pra lá, e encontro uma verdadeira festa: é o aniversário de um dos freqüentadores assíduos da Casa de Irene. Um verdadeiro festival. Logo alguém inventa um desfile; todos tratam de fazer seus modelitos com as toalhas. Em dado momento, resolvo soltar um brado de guerra: olha aí, gente, vamos ficar assim, todo mundo nu! As mais desinibidas e avantajadas entram logo na dança. Outras se dão ares de conservadoras do PDS, e proclamam que "não estão ali para atentar contra a moral e os bons costumes". Tudo bem, cada um fica na sua. Quanto a mim, aderi ao **botton-less**. Depois de muitos gritinhos, de repente paira no ar um clima de sacanagem. Todos se olham e se desejam, e começa a brincadeira; cada um pega o seu parceiro — inclusive eu — e trata de correr pro quarto. Lá pelas duas horas da madrugada, resolvo ver como estão as coisas, e saio do quarto como meu próprio nome manda: nuzinho. Que delícia! Encontro o aniversariante felicíssimo, realizado. Ele me conta que morava sozinho num quarto do subúrbio, e que tinha chegado há dois meses do Recife. Não tinha amigos, e por isso resolvera festejar seus "anos" no hotel. Ótima idéia, querida, e muitos de vida.

Na portaria. Pepe está por trás do balcão, entregue à sua leitura de todas as madrugadas, um exemplar de O Dia. Converso com ele (atualmente Pepe está na Europa, mijando no túmulo do general Franco e gastando fortunas às custas das bichinhas suas hóspedes). Ele me diz que trata "los maricones" com todo carinho, e que isso somente lhe tem trazido bons lucros; que eles nunca armam confusão no hotel, só querem se divertir; e que ele não fica chocado com as coisas que vê, embora, às vezes, tenha que se fingir de morto, quando uma cena de sexo explícito se desenrola bem diante do seu nariz. Fala do Lampião, que conhece e aprova; da terrinha, e das saudades que sente de lá; e da cadeia de hotéis que possui, junto com seus sócios, todos espanhóis: os que dão mais dinheiro são os de pegação homô. Ficamos amigos.

De manhã cedo. As exibicionistas aproveitam o tesão de mijo, e se pavoneiam pelos corredores. Passo por um quarto e, através da porta aberta, vejo uma bicha pulseteira entregue a um paciente exercício de cinco dedos. Passo de fininho. Outro quarto: dois gueis se entregam a um belo amor, sem se importar com os transeuntes. Terceiro quarto: duas mariconas, hieráticas e bigodudas, conversam muito sérias. Estão nuas. Entro na conversa, e esta vira, em poucos minutos, **ménage à trois.** Trocamos biografias: um é metrolino, operário do metrô; levado para o Pepe por uma maricona, esta não quis dormir, foi embora, deixando-o só. O outro era apontador do jogo de bicho no centro da cidade. Eu, trêfego e serelepe, me apresentei: "Sou do Lampião!" Aplausos gerais.

Encontro no corredor uma maricona que me paquerava há algum tempo. Eu, que só esperava o sinal verde, tratei de me apressentar quando ela me chamou. No quarto foi aquele auê: ela me pedia que eu a chamasse de prostituta babilônica e promíscua (as palavras não eram exatamente essas; enfim...). Parecia a Lucélia Santos no filme "Bonitinha, mas ordinária"; a certa altura, tenho certeza que ela sussurrou pra mim: "me bate, negão". Terminou a transa. A maricona assumiu um ar de grão-senhor, abriu a porta do quarto, apontou o corredor cheia de dignidade e disse: "Faça o favor de se retirar do meu quarto. Eu não gosto de negros". No que eu retruquei, em cima da bucha: "Então, nhô-nhô, trate de ir abortar" E me retirei. Dá pra entender?

Atualmente o Hotel do Pepe perdeu um pouco de suas características populares. É que não existem mais os dois quartos que abrigavam várias camas, que funcionavam como vagas. Nelas, um bando de gente que não tinha dinheiro pra alugar um quarto passava suas noites mal dormidas. E muitos subiam as escadarias e aderiam à badalação. Mas os que ficavam não estavam menos disponíveis. O pessoal descia e escolhia pelo tato — os dois quartos eram totalmente escuros: havia sempre alguma coisa interessante debaixo dos lençóis.

Mesmo sem o pessoal das vagas, o hotel, pra quem gosta de aventuras fortes e variadas, é uma experiência imperdível. Fica apenas um aviso às argentinas e assemelhadas que se aventurarem por lá: cuidado com os seus pertences. Volta e meia aparecem uns espertinhos pra dar aquela de Elza. E é sempre bom lembrar: vagabundo que der bobeira, meus bens, dança. **(Adão Acosta)**

Reportagem

Memórias de guerra

Em 1968 eu larguei a coluna que assinava no jornal Última Hora: pedi demissão, porque, um pouco impressionado com aquelas coisas do tipo **California Dreams**, tão em moda na época, queria ser **livre**, não manter "qualquer tipo de compromisso com o sistema". Três meses depois passava fome e tinha que ir morar na **bira**. A bira, de birosca: o quarto-gaveta — uma cama terminando num guarda-roupa, uma porta pela qual só se entrava de rastros, e um buraco fechado com grades de arame, o respiradouro. Até hoje me vejo com a maior nitidez quando entrei lá pela primeira vez, carregando uma pequena mala e a minha máquina de escrever. Ficava no ferro-de-engomar, ali na Lapa, onde agora existe aquela praça monstruosa, bem em frente a um sobrado que, quando "melhorei de vida", tratei de alugar. E tinha um porteiro da noite, um espanhol, **seu** Hermandez, que logo me identificou como "um estranho" ao local, e que me prometeu com um simples olhar: nunca me daria tréguas.

Lembro-me do quarto, da primeira vez que entrei nele: os lençóis cheiravam a baratas que tinham morrido há pelo menos dez anos, e lembravam outros corpos, dos que tinham dormido ali antes de mim, pagando dez cruzeiros pelo sono da noite e ameaçados de não dormir no dia seguinte. "Amanhã, se não pagas, não te dou a **tchave**"; era a frase que Hernandez pronunciava mais vezes ao dia, inflexível e todo-poderoso. Fiquei livre do seu olhar durante um mês — paguei 30 dias adiantado, mas finalmente chegou o dia em que não tinha mais dinheiro, e ele pôde renovar sua promessa inicial: me olhou de cara feia quando descia para a média com pão-e-manteiga no Café Sete Portas, e sibilou: "Como **es**, rapaz, e o pagamento?" Naquela manhã escorreguei pelo corrimão abaixo, fugi dele, do seu dedo apontado, dos comentários que faria quando chegassem os outros hóspedes. Mas de noite, quando subi de madrugada, voltando dos chopes filados de alguém numa mesa do Amarelinho, ele me esperava para murmurar, entredentes: **"Amanhã, se não pagas, não te dou a tchave"**.

A maioria dos que dormiam na bira faziam questão de dizer, à primeira conversa — na portaria, no caminho do banheiro —, que estavam ali de passagem. Alguns, realmente, sumiam após uma semana ou alguns dias, mas outros tinham anos de hospedaria, e o modo como se deixavam ficar era facilmente percebido quando se olhava seus quartos: neles se amontoava todo um arremedo da tralha que geralmente se guarda no que se convencionou chamar de "um lar" — a bira acabava por ser a casa que eles não podiam ter, era lá que eles se instalavam para sempre, o único lugar em que podiam ficar à custa do que ganhavam em seus parcos empregos ou nos expedientes a que se entregavam. Lembro-me, entre os "moradores", de um guarda de segurança, um quarentão que forrara os tabiques do quarto com fotos de militares; naquele ano em que o Ato 5 estouraria como um c ncer na pele de todos nós, o que não lhe faltava era material para tão insólita decoração, mas em suas paredes havia de tudo: até mesmo a foto de um desfile militar na Praça Vermelha.

Havia os clássicos casos: uma bicha velha, que era visitada uma vez por semana por um garotinho, e que, certa noite, tomou um pileque e foi bater à porta do meu quarto, em prantos: me pedia, desesperada, que "não olhasse daquele jeito pro seu garoto", que ele era "a única coisa que tinha", que ele "não a amava, está certo", mas que ela, mesmo assim, "não podia viver sem ele". Um homem que nunca falava com ninguém, mas cuja história todos conheciam: ele era, como se dizia à meia voz nos corredores, um **corno**; pegara a mulher com outro em plena cama, saíra de casa, largara o emprego, e desde então morava na bira, que pagava com o dinheiro ganho, durante o dia, como guardador autônomo de automóveis. Era uma figura de incrível dignidade, mas uma vez, de madrugada, eu empurrei a porta do banheiro e o encontrei lá dentro, se masturbando. E desde esse dia ele nunca mais olhou pra mim. Além desses três, que eram **moradores**, havia o pessoal que lá estava **de passagem**: alguns imigrantes (estranhamente, a maioria era do Sul), os bandidos baratos que conheciam a segurança do lugar (a caixinha paga pelos espanhóis dos hotéis à polícia garantia o sono tranqüilo, sem visitas inesperadas), os michês, e os amantes de poucos recursos, que nas noites de sexta e sábado lotavam os quartos vagos da bira e faziam os corredores vibrar com seus suspiros e gemidos.

Naquela noite em que Hernandez pôde finalmente exercer o seu desprezo sobre mim — se ele não me desse a **tchave**, minhas coisas, incluindo a máquina de escrever, ficariam presas na bira —, eu já tinha um amante, alguém com quem cruzara eventualmente nos corredores, e que acabara por dormir comigo e por se aproximar de mim mais do que era recomendável aos moradores daquele lugar. Ele se chamava Adolfo, era gaúcho, e tinha uma explicação louquíssima para estar na bira: viera ao Rio para servir no Exército como pára-quedista; mas, durante um exercício com uma arma, dera um tiro na própria mão, e fora por isso desengajado. A história era estranha, porque o normal, nesses casos, é que a pessoa merecesse, do Exército, uma pensão que compensasse o dano sofrido. Mas a quem punha em dúvida sua história, Adolfo (que era louro, de olhos verdes, tinha 1,80m de altura e 20 anos) exibia a mão esquerda, à qual faltava o indicador (a cicatriz era recente, e ele ainda se queixava de dores).

Pois bem: naquela noite, enquanto dividíamos a cama estreita do meu quarto e suávamos como se estivéssemos numa sauna, eu lhe perguntei como fazia para pagar a bira todas as noites. E ele me respondeu que era simples: ele atacava as pessoas na rua; fazia suadouro. "Bichas?". Bom, eu tinha naquela época uma admiração secreta; era Jean Genet. Às vezes pensava em me tornar um Genet da Lapa, em assumir uma maldição que justificasse o modo **maldito** como, eu achava, "o mundo me via" (hoje em dia é difícil de acreditar; mas naquela época tinha 23 anos e ainda estava longe da posição que hoje assumi perante este mesmo "mundo"). Assim, o convite que Adolfo me fez naquela noite, quando lhe disse que Hernandez estava me ameaçando ("Por que você não sai comigo amanhã? A gente arrocha um cara qualquer, levanta uma grana"), me fez pensar a noite inteira. E, na manhã seguinte, eu lhe disse que aceitava.

Embora a maioria dos meus amantes "sérios" tenham saído de biras — é notória a minha resistência a eventuais ligações com pessoas da classe média, por exemplo, todas tão absolutamente iguais em seus desejos e interesses —, a verdade é que Adolfo teve apenas uma rápida passagem por minha vida. Pouco depois ele seria preso na Cinelândia, acusado de não sei o quê, e internado no antigo PP, o presídio para pessoas que respondiam a processo, na Rua Frei Caneca. Fui visitá-lo lá umas quatro vezes, e foi aí, também, que

Saudades da mãezinha

Mãezinha foi uma das figuras que marcou mais fortemente minha adolescência; ela me ensinou muitas coisas que os outros só aprendem mais tarde. Quando a conheci tinha eu 15 ou 16 anos. Mãezinha era uma bicha que pra mim parecia muito velha, mas talvez nem fosse. Em todo o caso era funcionária aposentada do Porto, de Florianópolis. Vivia em Porto Alegre, numa casa da Rua Voluntários da Pátria, onde estava localizada a "zona" da cidade. Sua casa era o que se chamava na época de "pensão", isto é, puteiro, pra rapazes.

Era um enorme cortiço, dividido em várias residências. Mãezinha reinava em três peças, uma cozinha, na área e um banheiro mínimo. Sua acompanhante era uma bichinha gaga, verdadeira escrava que fazia a limpeza e toda hora tinha de descer o enorme lance de escadas para comprar cigarros ou o que desse na telha da velha senhora, sempre ligeiramente maquilada, com batom e tudo, embora não fosse um travesti no sentido atual do termo, ainda que usasse blusas vaporosas, de mangas bufantes, e calças bem ajustadas. Nunca esquecerei seus elaborados chinelos; nada tinham de turcos, eram gaúchos mesmo, mas lembravam os de Aladim, com as pontas arrebitadas.

Mãezinha não explorava o lenocínio masculino abertamente, mas que fazia um bom dinheiro alugando seus quartos para "gente de confiança" lá isso fazia. E a "gente de confiança" éramos nós, em geral, um grupo de três ou quatro bonecas menores, recém-caídas na vida e que funcionavam full-time. "O importante", dizia a nossa revolucionária mentora, "é que eles paguem pelo aluguel do quarto e não vocês, de quem eu não aceitaria um níquel", afirmava categórica, revirando os olhos e repetindo o refrão de todos os dias: "Vocês são como meus filhos". Éramos uns filhos que dávamos, como já se pode supor, um lucro grande pra nossa "Mãezinha", sem jamais tirar dinheiro — que não tínhamos — dos nossos bolsos. Isso durou algum tempo. Talvez até quando tivemos de começar a pagar: pelo quarto e pelo bofe.

Os cômodos de Mãezinha dentro do cortiço tinham uma situação especial. Dois quartos davam para a rua e o terceiro para um pátio interno. Como rotina, que começava geralmente às sete da noite, o primeiro quarto a ser alugado era o dos fundos. Depois o segundo, onde dormia a bichinha gaga e por fim o próprio quarto de Mãezinha. Ocupá-lo para nós era uma espécie de honra. Com o tempo, e com a ampliação dos negócios, ela procurava reservar sua ampla alcova pro seu grupo de amigos, que éramos nós, em vez de cedê-lo a qualquer desconhecido. Aliás, por motivo de segurança, só desconhecidos recomendados por amigos eram aceitos na casa de Mãezinha.

O aposento de Mãezinha era uma coisa pra passar à história. Suas duas amplas janelas permaneciam dia e noite fechadas, como convém a um ninho de amor. Pesados reposteiros tanto nas janelas como na porta tornavam o ambiente ainda mais cediço e cheirando a mofo. Uma penteadeira com um espelho oxidado lançava seus reflexos nos vidros dos quadros quando o enorme lustre era aceso, em ocasiões especiais, diga-se de passagem, porque naquele quarto a penumbra dos abajurs rosas era a que dava, segundo Mãezinha, a nota de maior sensualidade ao quarto poeirento.

Pra mim, porém, o grande momento daquele quarto cheio de imaginação e fantasia era a cama, ou o leito, como queria sua dona, por suas generosas proporções, a colcha de seda, o dossel enorme, preso por uma cabeça de águia nas alturas, e o renitente cheiro de sexo a exalar daqueles panos. Quando tocava a mim fazer sexo nessa cama, isso era como uma vitória. Porque Mãezinha, como que saída de um conto das Mil e Uma Noites, transmitia ao ambiente uma forte sensualidade e, por que não dizer, uma espécie de misticismo oriental. Para nós, bichinhas loucas que pegávamos os bombeiros do quartel vizinho ou os ferroviários da estação próxima, sermos possuídos por aqueles homens rústicos sobre cetins e rendas, tendo ao alto uma águia napoleônica a nos vigiar solenérrima, transformava o simples ato de trepar numa magnífica batalha campal na qual éramos vencidos e vencedores ao mesmo tempo. E tudo isso com o beneplácito de uma velha dama de guerra que nós todos amávamos muito.

(Francisco Bittencourt)

começou outro tipo de fascínio que até hoje cultivo, pela vida nas prisões. A gente ficava lá, nos dias de visitas, juntinhos num banco, eu sentindo o cheiro de azedo do seu uniforme de zuarte, namorando abertamente sem que os outros presos — ou suas mulheres, seus filhos, suas visitas enfim — ou os guardas dessem a mínima. Eu devia arranjar um advogado para ele, mas não havia dinheiro. E então, na quinta visita, quando cheguei lá, me contaram uma história obscura: ele teria sido transferido não sei pra onde. Desde então, nunca mais o vi, e também nunca mais tive notícias dele.

Então, naquela noite, como um Jean Genet tropical e trêmulo, saí com Adolfo e fizemos nosso primeiro ganho: suamos um marinheiro norte-americano, bêbado, num beco escuro próximo a Praça Mauá. Além da carteira recheada de dólares (havia uma foto, de uma mocinha loura, com uma dedicatória sumária: **kisses, Debbie**).

Naquela madrugada fizemos uma farra no velho Capela, regada a muito vinho. E Hernandez teve o que merecia — a nota de cem cruzeiros que lhe estendi na portaria, deixando bem claro, com o meu olhar, que nos próximos dez dias ele não deveria me dizer nem "bom-dia".

Ah, meus tempos de bira! Lembro-me de uma noite (Adolfo, então, já desaparecera) em que eu, só e desesperado, tirei a máquina de escrever de baixo da cama e comecei a usá-la enquanto protestos enérgicos se ouviam de todos os lados (eram duas horas da manhã e, àquela hora, qualquer ruído na bira se multiplicava por mil). Seu Hernandez batia na porta histérico, o coro de vozes gritava cada vez mais alto, "quero dormir, porra", enquanto na máquina, diante de mim, o papel repetia mil vezes a mesma mensagem — "**Não é bom que o homem fique só** (Gênesis, II, 18)". Ou de outra vez em que um cara cortou os pulsos, e Hernandez, ao descobri-lo sangrando sem parar, pediu ajuda aos espanhóis de outras biras próximas: foram jogar o cara debaixo dos Arcos da Lapa, para que ele morresse por lá, "sem dar trabalho a ninguém" (no dia seguinte ele tinha sumido).

Se eu voltei ao "trabalho noturno" com Adolfo? Só mais duas vezes. Na última, a chamada vítima, devidamente depenada, me olhou durante um breve instante dentro dos olhos e, então me reconheci: eu, na verdade, era ele — nesta absurda divisão em que as pessoas se enquadram, entre **depenados e depenadores**, estarei, sempre e inevitavelmente, entre os primeiros. E foi então que acabou a minha breve carreira como êmulo de Jean Genet.

O final desta minha "estação no inferno"? Está contada, sem tirar nem pôr, no meu livro **Primeira Carta aos Andróginos**, neste trecho que aqui reproduzo: "Houve uma madrugada em que acordamos com o vento soprando para o outro lado: abrimos as portas e era a polícia. Seu Hernandez tinha fugido cinco minutos antes, a ordem era fechar todas as biras, alguma coisa no suborno semanal saíra errado. Os policiais invadiram todos os quartos, abriram malas, atiraram roupas para o ar, reviraram os colchões. No meu quarto, afastaram a cama, encontraram a máquina de escrever. Um deles me olhou dentro dos olhos, sorriu ao me reconhecer, "veadinho", perguntou numa voz carinhosa, de pai, "essa máquina foi roubada?" Respondi secamente que não. E ele, concluindo, "foi roubada, sim". E levou-a consigo, e não me olhou mais. Recolhi minhas roupas, joguei-as dentro da maleta de papelão, desci as escadas, ainda cruzei uma vez com o policial — ele segurava, cuidadoso, a máquina de escrever. Saí à rua, amanhecia. Respirei fundo, pouco movimento àquela hora, a bira ficava para trás, mas eu nem olhava...", etc., etc., etc.

Um ano depois aluguei o sobrado em frente à bira e lá morei dois anos. Quando saí de lá (então chegara a minha vez de ser preso: fiquei 70 dias na Ilha das Flores), já não havia mais nada do outro lado, além de escombros: a bira de Hernandez fora, no ferro-de-engomar em que antes pontificavam os reis e rainhas da Lapa, uma das últimas trincheiras a cair. **(Aguinaldo Silva)**

Os primeiros degraus

Finalmente galgávamos os primeiros degraus da velha hospedaria da Rua Marcílio Dias, 46, em plena Central. Estávamos ligeiramente cansados, pois vínhamos de uma longa caminhada, desde a Cinelândia, à procura de um lugar mais barato, onde pudéssemos enlaçar nossos corpos e tirar-lhes o mais profundo gozo. Jorge subia compassadamente a escadaria em direção ao balcão de recepção (que mais se parecia com aqueles balcões das repartições públicas, ensebados e carcomidos pelo constante uso), com se tudo aquilo não passasse de uma ensaiada cerimônia. Eu suava frio, as pernas bambeavam e o ranger dos degraus proporcionavam-me um clima de suspense. Afinal aquela seria a minha primeira experiência e, nem de longe, o lugar correspondia aos embaçados êxtases de minhas punhetas.

Um velho senhor, com sotaque espanhol, prontamente nos atendeu. Em seu rosto, não víamos nenhuma expressão que aprovasse ou desaprovasse nosso desejo. Tratava-se de um negócio, onde ideologias e morais não se intrometiam. Pensei, de início, que não seríamos aceitos, pois com os nossos quinze anos e alguns meses, mais nos parecíamos com moleques que, junto com os rotos **shorts** e camisetas de malha esgarçadas, haviam trocado a pipa, a pelada e o pique-esconde por entre caminhões — sem nunca sermos descobertos com um amiguinho — por brincadeiras mais excitantes.

O solícito senhor, ao nosso pedido de vaga, deu uma virada de 180 graus, e de frente para o quadro de chaves — uma tábua com vários pregos já enferrujados pelo tempo, onde pendiam vários chaveiros — escolheu a de número 17. Após pagarmos oito cruzeiros, correspondentes ao preço de uma rápida estada (**Mesmo naqueles horrendos idos de 74, após um período de muitos milagres (?), ainda podia-se tranqüilamente fazer uso dessas salvadoras casas, só para cavalheiros, sem se preocupar com nefastos golpes delfinianos no já apertado orçamento**), ouvimos aquela voz rouca que nos indicava o quarto no meio do longo corredor e que parara de vibrar ao concluir a simpática observação: **É o melhor quarto da casa!** O espanhol parecia adivinhar minha condição de debutante.

Caminhávamos pelo estreito corredor, tentando enxergar, na penumbra a numeração das sucessivas portas que passávamos. As longas tábuas do chão, gastas e ligeiramente apodrecidas, balançavam como se fossem despencar conosco. No fundo, uma montanha de lençóis, sujos por gozos de outréns, repousava a espera de sua rotineira ida para a tinturaria. Enquanto isso, sussurros, gemidos de gostosas dores e o som arfante de respirações aceleradas, ultrapassavam as baixas divisões de eucatex, envolvendo o lúgubre corredor.

Chegávamos ao nosso quarto. Atirei-me apressado à fechadura, ansioso por descobrir o ambiente, por trás da porta. Dentro do minúsculo quarto, no canto direito, via-se um pequeno lavatório encravado na parede, e suas inscrições comprovavam sua origem inglesa. No lado esquerdo duas camas, postas lado a lado, sendo uma de casal e outra de solteiro, obrigavam-me a descobrir a razão para sua conjunta existência, visto que só a de casal, seria suficiente (confesso não ter descoberto até hoje). Os lençóis eram de um exagerado estampado, desses de cortina. Uma cadeira, entre as duas camas, servia de mesinha de cabeceira, e em seu assento encontravam-se dois sabonetes vagabundos e um enorme pote de vasilina não esterilizada — certamente o melhor serviço da casa. A exótica pintura das falsas paredes — um fundo azul celeste desbotado, encoberto com desenhos de guirlandas de flores, num berrante tom de vermelho fosforecente — dava um toque final no mal gosto da decoração. A esta altura, o fascínio pelo lugar era maior do que pelo meu parceiro.

Tiramos a roupa, e diante da falta de cabides ou coisas parecidas, colocamos as peças sobre a cama de solteiro, que não pretendíamos usar. Estávamos prontos para o jogo. Ao tentar apagar a luz, notei que esta era a mesma que iluminava precariamente todo o corredor. Fomos obrigados a esquecer o pouco da vergonha que encobria nossa adolescente nudez, e iniciamos.

Além do ondulado e desconfortável colchão, a cama rangia ensurdecedoramente, como se sentisse prazer conosco. Os sons dos outros quartos e das passadas do corredor, chegavam ampliados em nosso quarto, transformando-o numa verdadeira caixa de ressonância. O gozo demorava, pois a concentração era quase que impossível — não sei se pelo barulho ou se pelo meu fascínio. Por fim o orgasmo veio forte e intenso, abafando por completo os outro sons.

Não demorou muito o espanhol veio bater à nossa porta, dando por terminado o tempo. Coloquei pausadamente minha roupa, tentando encontrar mais algum detalhe perdido entre as falsas paredes. Desci triunfante os degraus do prédio, que persistiam em seu ranger. Estava feito.

Nunca mais voltei à velha hospedaria da Central, e nem tampouco voltei a ver Jorge. Mas decerto, não haveria lugar melhor e mais fascinante, do que aquele, para a minha prazeirosa iniciação ao ritual só para cavalheiros. **(Antônio Carlos Moreira)**.

Escolha o seu hotel

Alvite — Gomes Freire, 295. Quartos apertados e sem banheiro, que fica do lado de fora. Cr$ 250 e Cr$ 500.

É o menos conhecido dos hotéis da Gomes Freire. E é o mais desconfortável também. É o ideal, se você estiver com pressa e os outros três da rua estiverem ocupados. O nível de segurança é baixo.

Casa Blanca — Rua do Lavradio, 68. Apartamentos confortáveis, com banheiro, água quente e ar condicionado. Cr$ 200 e Cr$ 500.

É a mais nova descoberta Lampiônica. O ar condicionado funciona mesmo, o nível de segurança é razoável e há bastante conforto. Só apresenta o inconveniente de receber também casais heterossexuais (inconveniente para quem não gosta ou prefira maior discrição).

Vinte de Abril — Rua 20 de Abril, 12-A. Apartamentos simples, mas com banheiro e água quente. Cr$ 200 e Cr$ 500.

É o hotel ideal para quem exige um mínimo de conforto, muita discreção e um preço razoável. Para dormir, exige preenchimento de ficha e, às vezes, nas noites ou madrugadas de sexta-feira e sábado, obriga os fregueses a uma longa espera nos corredores.

Londrina — Rua do Senado, 104 — e **Rio Senado** — Senado, 106. Quartos minúsculos e fedorentos, cheio de piolho, banheiros sem água quente, do lado de fora dos quartos. Cr$ 200 e Cr$ 400.

São os piores do centro do Rio. Só os use em caso de extrema necessidade. O nível de segurança é quase nenhum.

Copa Linda — Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 956. Apartamentos confortáveis com banheiro, água quente e ar condicionado. Cr$ 1.523.

Só para quem está com muito dinheiro e não quer se deslocar para o centro. É pouco usado por homossexuais. Sua freqüência é quase toda de casais heterossexuais.

Agres — Rua Farme de Amoedo, 110 — Ipanema. Apartamentos confortáveis, com banheiro, água quente e ar-condicionado. Cr$ 1.500.

Também indicado para quem está na Zona Sul, não quer vir ao centro e está com algum dinheiro. É mais usado por homossexuais que o Copa Linda, mas também atende a muito heterossexuais. Atende também a turistas e a quem pretende utilizar-se de massagistas oferecidos pelas clínicas especializadas em prostituição masculina.

Norte-Sul — Rua Morais e Vale, 36 — Lapa. Apartamentos, de tamanho razoável, com banheiro e água quente. Cr$ 350 e Cr$ 700 (para passar a noite). Ar condicionado.

Tem um inconveniente sério: não se surpreenda se na sala de espera tiver de dividir a televisão com algum casal heterossexual. O outro problema são os carpetes, mal cuidados, que não exalam bom cheiro. É o ideal para quem curte travesti. E não precisa procurar muito, pois os travestis fazem ponto bem próximo. O acesso não é muito seguro.

Passeio — Morais e Vale, 45 — Lapa. Apartamentos confortáveis, com banheiro e água quente. Cr$ 350 e Cr$ 700. Ar condicionado.

Fica em frente ao Norte-Sul e obedece praticamente às mesmas características. Só que acaba de passar por reformas e os carpetes não estão ainda tão fedorentos.

Souto — Rua da Lapa, 123. Quartos mínimos, sem muito conforto. Os banheiros ficam fora dos quartos, mas têm água quente. Cr$ 200 e Cr$ 500.

É o preferido dos michês da Cinelândia, porém é seguro. Passou por alguma reforma recentemente, mas as condições de conforto não foram modificadas. Os quartos são quentes, apesar do ventilador, e não têm janela para a rua. Há duas pequenas venezianas para o corredor, o que leva todos os gemidos para o lado de fora do quarto.

Meio Dia — Rua Gomes Freire, 55. Quartos espaçosos, com banheiro e água quente. Cama rozoavelmente confortável. Cr$ 350 e Cr$ 800.

O seu maior inconveniente é a espera a que, às vezes, o freguês se vê obrigado, pois, um dos mais procurados, está sempre cheio. Fora isso é ótimo. Os quartos são bem arejados, embora sem ar condicionado, e possuem janela para o exterior. É absolutamente seguro e discreto.

Hostal — Gomes Freire, 151. Apartamentos espaçosos, com banheiro e água quente. Camas confortáveis. Cr$ 350 e Cr$ 800.

Obedece praticamente as mesmas características do Meio Dia, embora um pouco maior. A espera é um pouco mais confortável, pois há um local reservado para isso. É, porém, menos discreto.

Gomes Freire — Gomes Freire, 243. Apartamentos apertados, mas com banheiro e água quente. Camas pequenas. Cr$ 350 e Cr$ 800.

Não é tão seguro quanto o Hostal e o Meio Dia, mas é um hotel razoável. É bom escolher, se for possível, um bom quarto, pois alguns, a maioria talvez, não têm janelas e são quentes. Merece ser visitado pela loucura que pode proporcionar.

Alceste Pinheiro

Homem, mulher, sim, não?

Um viril boiadeiro, ou uma sensual ciganinha? Toda a história da ambigüidade humana, da metade homem metade mulher de todos nós, levada para o terreno do ritualístico, do mágico, e ali resolvida de modo magistral: é este o tema que perpassa o livro **Prova de Fogo (Pousando para Retrato)**, de Nívio Ramos Sales, o novo lançamento da Esquina Editora. Um pai-de-santo, branco e formado em sociologia, fala de seu envolvimento com os rituais afro-brasileiros, e de como construiu, através de sua crença, um paraíso no qual se instalou junto com sua ambigüidade: ele é o **cavalo** de duas entidades opostas, o viril Boiadeiro que usa chapéu de couro, fuma charuto e bebe cachaça, e a sensual Ciganinha, que se enfeita de fitas e rendas, só bebe sidra e fuma cigarrilha, e pela qual os ogãs do seu terreiro não se envergonham de se declarar apaixonados.

Um dos livros mais polêmicos já escritos sobre a Umbanda e o Candomblé, **Prova de Fogo** tem em seu autor alguém que é duas vezes especialista: Nívio Ramos Sales, como sociólogo, usa os métodos exigidos à chamada "abordagem científica", sem esquecer, no entanto, de adaptá-los à sua vivência como pai-de-santo.

Este livro, que será vendido nas livrarias e nas casas de umbanda, já foi transformado em filme, com lançamento previsto para abril, e tendo no elenco Pedro Paulo Rangel, Maitê Proença, Elba Ramalho, Martha Anderson, Telma Reston e outros.

Relatos de um desviante

No começo foi difícil aceitar essa de ser médium e acreditar em espiritismo. Naquela época eu era um estudante de sociologia e acreditava nas palavras de Karl Marx: "A religião é o ópio do povo". E como assimilador da ideologia dominante da sociedade brasileira, acreditava ser a Umbanda e de um modo geral os rituais afro-brasileiros, coisa para gente ignorante e puro primitivismo. Assim, um dia me vi pulando, sem querer, toda vez que uma senhora de côr negra, segurava as minhas mãos e se dizia ser "O caboclo Serra Negra". Daí em diante a minha curiosidade foi obcecante e a minha mediunidade foi desabrochando, surgindo assim a minha experiência inicial, como filho-de-santo e presidente de um "terreiro" de Umbanda, para depois tornar-me um pai-de-santo. Portanto, **Prova de Fogo** é um momento de minha vida, que talvez foi e seja o mais importante. É como pai-de-Santo que eu descobri o que sou e o que serei; é dentro dos rituais afro-brasileiros que a minha personalidade ambígua se desenvolve, ora através de uma cigana, ora de um boiadeiro ou preto velho.

Quando iniciei as anotações de **Prova de Fogo** ou **Pousando para retrato,** jamais poderia imaginar que ali iria se desenvolver um processo de auto-conhecimento, e que ao mesmo tempo fosse tão importante para as outras pessoas; mas com o passar dos anos, os amigos que liam ficavam a me mostrar o quanto era valioso aquele depoimento, sincero, despojado de artifícios e até certo ponto cruel. Foi com **Prova de Fogo** que eu descobri a minha marginalidade, o meu comportamento desviante e o quanto era importante a religião que me abraçara. A Umbanda tornou-se importante para mim em vários sentidos e o mais importante foi ter me descoberto, descoberto a minha sensibilidade feminina ao receber um espírito de uma cigana que usa o meu corpo com total liberdade, sem coação e preconceitos; e talvez nesses momentos eu me realize como ser feminino. Um outro fator importante foi ter descoberto que também pode-se ser útil sem necessariamente pertencer a uma cultura dominante, e que há no povo muito mais o que se aprender do que nos bancos das universidades. **Prova de Fogo** é assim o meu depoimento como pai-de-santo, sociólogo e marginal de uma sociedade colonizada.

Durante três anos anotei todos os fatos que me pareceram serem os mais importantes dentro da minha vida como pai-de-santo. A minha angústia em descobrir a minha marginalização, o medo de perder a segurança que a religião me dá, a descrença no sistema social, a luta pelo poder através do saber, a ambigüidade dos seres humanos, são dados que **Prova de Fogo — Pousando para Retrato,** focaliza, analisa e critica, e creio, com uma certa dose de honestidade. Hoje, eu posso afirmar com segurança que cheguei a um ponto de equilíbrio; já não há mais o conflito entre religião e ciência, além de que descobri também que não é tão importante ser sociólogo e intelectual, na medida que o conhecimento adquirido no dia-a-dia entre o povo é disputado pelo chamados intelectuais da nossa sociedade. Isto quer dizer que ser um desviante também tem as suas vantagens, e que basta apenas assumir para ser respeitado, porque o conhecimento não se opera apenas no nível da classe dominante e nem tampouco é privilégio de seus membros. O desviante existe na proporção de seu meio. **Prova de Fogo** é isso: relatos de um desviante. (**Nívio Ramos Sales**)

Em busca de movimento próprio

Nívio Ramos Sales não é uma pessoa comum. Não apenas por ser medium ou pai-de-santo, mas também, paradoxalmente, por possuir uma aguda capacidade de formular racionalmente o seu sistema de vida. Ele vive em dois mundos: o do "santo", e o da vida "civil", assumindo todos os riscos do confronto permanente entre eles.

Nívio vive assim a história daquelas pessoas que, limitadas pelas chamadas contingências externas, tais como a sua origem de imigrante nordestino e sua luta pela sobrevivência na nova cidade, esforçam-se de tal maneira, superando-se a si mesmo, para encontrar um movimento próprio, uma correnteza a seguir.

Estas "memórias" do pai-de-santo encerram uma espontaneidade impressionante, principalmente quando a narrativa focaliza o universo religioso da umbanda, misturado com o do Candomblé. Nívio não esconde suas dúvidas e restrições a este universo. E isso é descrito aqui com a sinceridade de quem tem a coragem de se expor como pessoa, frágil, insegura, abrindo os flancos, sem querer demonstrar a falsa segurança dos que manipulam suas vidas com objetos precisos.

Interessado pela vida do pai-de-santo, passei a freqüentar seu terreiro. A leitura destas "memórias" reforçaram a idéia de fazer um filme de longa metragem. Aguinaldo Silva escreveu o roteiro, e então realizei o filme **Prova de Fogo,** numa co-produção com Luiz Carlos Barreto e a Embrafilme. Durante a realização do filme, principalmente na preparação e nas filmagens, contei sempre com a colaboração do pai-de-santo.

Certas passagens destas "memórias" são tão ricas e modernas, tais como a do rapaz drogado, em que é descrito o seu delírio, misturado com alucinações religiosas, que dificilmente se conseguiria transpor para o cinema com a mesma força com que está escrito aqui.

Nívio descreve os casos de seus clientes no jogo de búzios. São pessoas carentes, em busca de soluções para seus problemas. E ele está ali, quase como um psicanalista dos humildes, dando respostas baseado no tênue equilíbrio entre o mágico, o inexplicável e o seu bom senso. (**Marco Altberg**)

Algumas receitas mágicas

1. — **Receita para amansar homem.**

Pegar um punhado de pêlo de carneiro, torrar e colocar na bebida da pessoa amada. Quando ela estiver bebendo, dizer: — Beba isto fulano de tal e fique manso igual o dono desse pêlo e como Jesus ficou na cruz; porque assim como Deus pode, Deus faz e Deus quer, Deus há de querer que você, fulano de tal, fique manso para mim. — Procure fazer sempre na lua crescente e durante sete dias consecutivos.

2. — **Para prender uma pessoa que ama**

Um vidro com cachaça, uma pedra de carvão, enxofre, sal grosso. Coloque os nomes (seu e dele) dentro do vidro e enterre na encruzilhada com o material acima anotado. Em seguida acenda uma vela, virando-a.

3. — **Para deixar um homem brocha**

Conseguir um saco de boi ou cabrito, amassá-lo com o nome, uma cueca ou o esperma recolhido na hora do ato sexual. Vá a um cupinzeiro vivo e enterre, dizendo: "Cupim, cupim, destrói a ele e não a mim." Três vezes seguidas.

4. — **Para afastar alguém**

Sete fios do rabo de cavalo; sete folhas de corredeira (é uma erva). Torre tudo com o nome da pessoa, coloque numa garrafa de cachaça e entregue a Exu Poeira, com uma vela acesa, numa encruzilhada. Peça para o Exu levar a pessoa para bem longe.

- Prova de Fogo (Pousando para Retrato), **de Nívio Ramos Sales. 112 páginas, Cr$ 350,00. Peça pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41031, CEP 20400, Rio de Janeiro, RJ).**

O camarote das personalidades no Gala Gay: um filho de Indira Gandhi, a sereia Cristiane Torloni, o pediatra Eduardo Mascarenhas, uma Nosferata de smocking, o novelista Gilberto Braga e seu fiel escudeiro, Clodovil, um marinheiro de andar ligeiramente discante e as plumas de um travesti. (foto Última Hora).

So
ho

Mas o que seria do carnaval se não fossem as bichas, mariconas, siriemas, gueis, travestis, baitolas, perobas e quejandos?

Ela disse que sua fantasia era de "Iolanda Costa e Silva"; não a deixaram desfilar

Disseram que dos seios desse travesti saía champanhe. O rapaz foi experimentar e confirmou. (Gala Gay, foto Última Hora)

Um dos destaques mais aplaudidos da Unidos de São Carlos: era "o beijo da mulher aranha"

Três Divinas do Swann, exibindo modelitos de Guilherme Guimarães, pouco antes de conceder uma entrevista a Zerlotini.

Em Ipanema o carnaval estava tão quente que o rapaz não agüentou: ficou excitadíssimo e nem tentou esconder...

...teve homem com ...mem. É a glória ?

O outro jornal de bichas do Brasil, **O Repórter**, tem razão: este foi um carnaval de homens. Só que, ao contrário deles, a gente não acha que isso seja um bom negócio. Pra falar a verdade, uma festa sem mulheres, ou em que as mulheres são sempre figuras decorativas ou meros objetos para o deleite masculino (e foi esse o caso do carnaval/81, mais que de carnavais anteriores) não faz a nossa cabeça. De qualquer modo, o pessoal aqui do Lampião se diverte como pode, e todos os repórteres cumpriram com suas obrigações previamente determinadas: Foram aos becos (no Buraco da Maysa, uma novidade: policiais, à porta, cobravam Cr$ 100 de ingresso), ao Paulistinha (que estava, outra vez, muito careta), à Banda de Ipanema (onde desfilou o rapaz excitado que aparece em duas fotos nestas páginas), ao desfile do grupo 1-A (Darcy Penteado desfilou na Imperatriz Leopoldinense,a escola campeã) e do grupo 1-B (Adão Acosta desfilou na Unidos de São Carlos, a escola campeã). E mais, nos blocos, nos bochichos das caricatas, nos banheiros (os da Marquês de Sapucaí estavam divinos), nos cinemas de pegação, e até no Baile dos Enxutos, no Cine São José, onde nossa presença é proibida. Vejam, aqui e na página 20, nosso esforço de reportagem. As fotos, exceto as da Última Hora, é claro, são de Ricardo Fragoso Tupper, o David Zing aqui da casa. Ah, e claro que fomos ao Gala Gay, onde o Lampião tinha um camarote.

No Gala Gay, as pessoas juravam que este aí era Roberto Carlos fantasiado de sheik árabe.

Como uma verdadeira Greta Garbo, ela ficou a noite inteira encostada numa porta, na Praça Tiradentes. Nem precisou dizer "I want to be alone"

Todo o mundo queria olhar a bunda da porquinha. Mas era de plástico!

Apesar da "boquita pintada" e do sotaque portenho, ninguém a confundiu com o escritor Manoel Puig

Bixórdia

O homem do dedo-duro

Esta aconteceu com uma amiga dos editores do **Lampião** durante visita a conhecido médico carioca:

— Doutor, tenho umas dores chatas nos rins e nos intestinos...

— Tire a roupa toda, dobre bem a cintura e abra as pernas.

— Para quê, doutor?

— Preciso apalpar com os dedos os seus intestinos. Vai fazer bem a você.

O médico mandou, paciente obedece. O médico agiu e, depois de algum tempo, o passivo, perdão, paciente, resolve falar:

— Mas, doutor, o senhor está apalpando ou esfregando?

— Fique calmo, não é nada grave. Estou quase terminando... Estou apalpando e massageando com o dedo.

— Com o dedo!? Mas o senhor está segurando meus ombros com as duas mãos! Mas pode continuar, que seu dedão é uma glória!

O PENSAMENTO DO DIA

"O michê de hoje é o concorrente de amanhã."

Gore Vidal

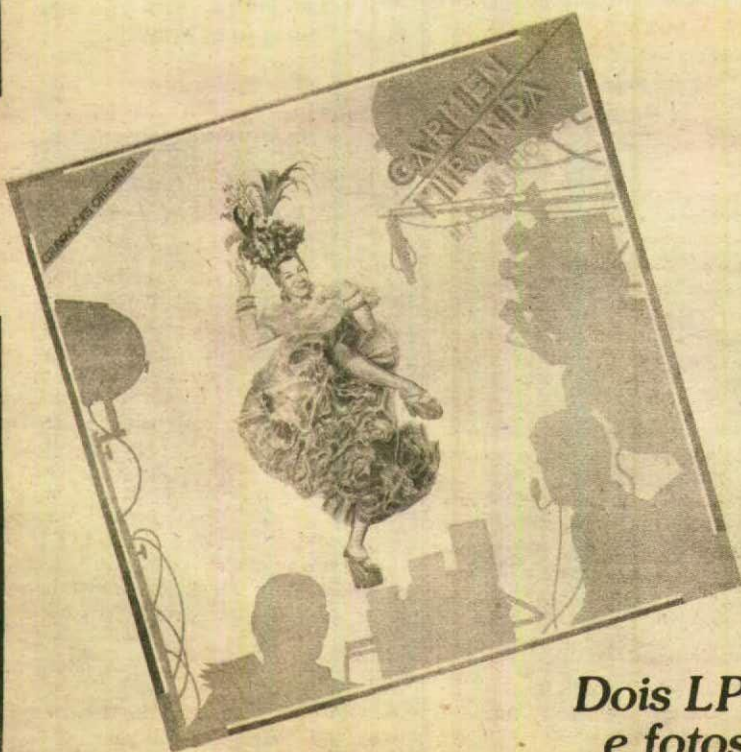
• Noite destas, Rafaela Mambala atacada de insônia liga seu radinho. Vira pra cá, vira pra lá, pega o Jorge Perlingeiro com o programa **Samba na Madrugada**, Rádio Capital. Qual não foi sua surpresa quando ouve a seguinte frase: "Jorginho, que queria mandar um beijo pra você." Tratava-se de Jorge Bareta, uma bichinha motorista de táxi, quem estava enviando o recado. A partir desse momento Mambaba ficou fã do programa e passou a acompanhar toda a pegação da bichinha. Olha aí, gente, liguem em **Samba na Madrugada**, de 2ª a 6ª-feira, a partir das 24 horas. Para quem gosta de motorista de táxi é um prato feito.

• A Avenida Independência, em Porto Alegre, é estritamente residencial. Nada mais injusto, portanto, que manter em funcionamento boates e clubes **privês**. Por isso, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre baixou uma portaria fechando todos os estabelecimentos. Muito justo seria, se a norma fosse realmente cumprida. Ou melhor: cumprida integralmente. Foram fechadas todas (poucas, a bem da verdade) as boites gays da área. As que atendem os heterossexuais continuam funcionando com força total. Ou fechem todas ou abram todas. Para depois não se surpreenderem se os **gays** ocuparem as boites dos machões gaúchos.

• O Sótão está cada vez mais seletivo. Ninguém sabe como é que essa boate ainda se agüenta num lugar tão liberado como a Galeria Alaska. Agora, além de cobrar às sextas e sábados 400 cruzeiros pelo ingresso, o Careca faz um verdadeiro vestibular com os candidatos a entrar. Por exemplo: as bichas têm de ter bigode, usar calça bag ou macacão, além da indefectível carteira, e de possuir naturalmente um andar ligeiramente discante. E apesar de tudo isso as siriemas fazem fila na porta no local. Não é demais?

• Depois do incontestável sucesso que foi a apresentação de "Gay Girls", no Teatro Alaska (um ano e um mês de sucesso), o lampiônico José Fernandes Bastos vem aí em março com mais duas peças de teatro de revista: "Os Netos de Marylin", que deve ser montado por Lia Farrel e Fernando Reski, entre outros, e "É Proibido Jogar Modess na Delegacia", que nossa amiga Myriam Pérsia deve montar.

• Fala-se a boca pequena que o Gugu, um repórter do programa "Cidinha Livre", não é bicha. Dizem até que ele é hetero impedernido e convicto, com vários filhos distribuídos pela Baixada Fluminense. Tá legal, meus amores, ele pode até querer enganar os mais ingênuos, mas a Elza garante que o Gugu não passa **mesmo** no teste da farinha.

• Imaginem como não estará a Casa Branca depois da posse de Reagan. Ronald e Ron, o pai e o filho mais moço, são incrivelmente vaidosos e a imprensa diz que os dois vivem brigando pelos espelhos que há na mansão presidencial. O velho para ver se o silicone que aplicou nas bochechas não estão caindo, e o rapaz (que foi obrigado a casar com uma agente da CIA) para exercitar passos de balé e olhar a silhueta esguia.

"Bent": para o seu diretor, uma bandeira dos reprimidos

A entrevista com Roberto Vignati havia sido prometida em nossa edição anterior, quando traçamos um sucinto comentário a respeito da peça "Bent", de autoria do norte-americano Martin Sherman. Vignati é o diretor deste espetáculo, que vem alcançando um sucesso enorme nesta paulicéia desvairada, a um tal ponto de encontrarmos em sua platéia a presença de criaturas de todos os tipos: altos burgueses, bofes, cocotinhas, sapatões, bichas, trichas, heterossexuais, eticetaras e (pasmem, queridinhas) policiais, sem cassetetes e bombas de gás lacrimogêneo nas mãos, conforme constatei.

Roberto Vignati é uma pessoa muito sensível e respeitada no ambiente artístico. Já dirigiu com sucesso mais de uma dezena de peças, inclusive infantis, para o teatro. Pra quem acompanha as novelas globais, uma dica: foi ele quem teve a infelicidade (ou será felicidade?) de dirigir a intragável "Pai Herói", de Janete Clair. Na televisão, ele também dirigiu os 30 capítulos iniciais da novela "Chega Mais", algumas estórias do "Sítio do Pica-pau Amarelo", além de expressiva participação no Teatro 2, da TV Cultura, em São Paulo.

Mas o momento maior é sempre o presente. Por isso, nada melhor do que falarmos sobre "Bent", um trabalho que documenta com seriedade a perseguição aos homossexuais na Alemanha Nazista, a partir de 1934. Participaram desta entrevista as lampiônicas Zezé, Paulo Augusto e eu, que também tirei as fotos do nosso entrevistado. Maiores informações a respeito de Bent, como também do seu diretor, serão encetadas (cruzes!) a partir de agora, e — o que é mais importante —, com o próprio Roberto Vignati. (**Francisco Fukushima**).

Zezé — **Vignati, quais foram as razões que o fizeram trazer "Bent" ao Brasil?**

Vignati — Eu soube da peça quando ela tinha acabado de estrear na Broadway. "Bent" me interessou porque toda vez em que se fala em campo de concentração, os autores tratam dos problemas dos judeus, esquecendo-se dos homosexuais, ciganos, presos políticos e criminosos. E, pela primeira vez, um autor tinha feito uma pesquisa sobre as minorias reprimidas. Isso, de cara, me entusiasmou. Eu comprei a peça no escuro, sem conhecer o texto. Só o conheci em novembro de 79, quando recebi o original.

Zezé — **Voce se interessou pelo texto porque se tratava dos homossexuais no campo de concentração ou porque você já tinha previsto o sucesso que a peça está alcançando?**

Vignati — Não, não pela colocação do homossexualismo em si, mas sim pelas minorias reprimidas. Li a peça e achei que seria um grande sucesso.

Paulo — **Pra você, esse assunto está interessando ao povo brasileiro?**

Vignati — Sim. Achei que a peça poderia chegar num momento em que a abertura pudesse proporcionar uma discussão de um tema com profundidade. Até então, no Brasil, quando se falou em homossexualismo, nunca foi com profundidade.

Paulo — **Você assistiu a peça nos Estados Unidos?**

Vignati — Não. Eu me acho muito egocêntico. Sou egoísta pra, de repente, dividir um trabalho meu com outra pessoa. Fiz muitas modificações. Se você pegar o original, não vai encontrar nada sobre Wagner; os discursos de Hitler, que eu uso nos intervalos, foram criados por mim; o final do primeiro ato não é no ponto em que eu dei; e, enfim...

Paulo — **Antes de botar a peça em cena, você chegou a projetar os seus lucros, mesmo estando lutando pelas suas idéias?**

Vignati — Sempre lutei pelas minhas idéias. Nunca fiz concessão. Mas eu sabia que o mínimo público interessado na discussão homossexual seria vantajoso. Eu sabia que a peça faria sucesso. O público homossexual é muito grande.

Fukushima — **Então você acha que esta peça é direcionada especialmente aos homossexuais? Eu estou sentindo que você está querendo faturar em cima do tema.**

Vignati (indignado) — Não, nunca procurei isso. É a imprensa que está transformando essa minha idéia. Na Isto É, por exemplo, saíram artigos colocando a peça numa superficialidade que ela não tem. E aí vai uma crítica a todos os críticos brasileiros: eles não sabem criticar. A única coisa que eles sabem fazer é contar a história da peça, entendeu? "Bent" é um espetáculo de impacto, que o público tem o direito de sentir. Parece que eles não sabem escrever. Eles exigem renovação da gente e do teatro, mas eles, como críticos, não buscam nada. Estão fazendo de "Bent" uma bandeira ao homossexualismo, quando na verdade é uma bandeira ao ser humano, principalmente o reprimido.

Foto Teresa Pinheiro — Foto Francisco Fukushima

Paulo César Grande (o "michê nu" de "Bent"), e Roberto Vignati, o diretor

Fukushima — **Mas você quer faturar alto em cima dessa minoria reprimida...**

Vignati — Se eu quisesse faturar muito dinheiro, eu poderia ter traduzido o título da peça e colocar "Viado". O termo "Bent" é pouco usado: Significa homossexual, mas se aproxima muito mais das palavras entendido, que é a nossa gíria da década de 50, e viado, na força da expressão que ela tem em inglês.

Fukushima — **O que acho importante em "Bent" é o fato de ela denunciar um lado ainda pouco divulgado sobre os campos de concentração, na época do nazismo, que é o extermínio dos homossexuais. Mas, ao mesmo tempo, lembra que, ao lado dos judeus haviam os presos políticos, criminosos e ciganos. Em termos de Brasil, o que esta peça pode — direta ou indiretamente — denunciar?**

Vignati — A peça casa exatamente no momento político e social que o Brasil está enfrentando. Alemanha de 34 é o Brasil de 1980. A inflação, que é colocada na peça, é exatamente a inflação que o povo brasileiro tá sofrendo em sua pele. Em 34 o marco não tinha valor nenhum. As pessoas preferiam acender fogo com dinheiro do que comprar lenha. Hoje, você sai com um monte de dinheiro e volta com um pacotinho. As situações social e política são as mesmas. Só muda a aparência. A forma é que é diferente. A situação de repressão no Brasil que advém dessa inflação, vamos dizer, é a mesma da peça.

Fukushima — **Não deixa de ser uma violência contra o povo.**

Vignati — E é exatamente por isso que a peça transcende as coisas pequenas. Ela atinge o inconsciente das pessoas. Cada um faz dentro de si uma cartase dos momentos social e político em que está vivendo, e da sua repressão particular, através daqueles heróis — entre aspas — que estão ali no palco.

Paulo — **Vamos falar um pouco sobre você, suas experiências...**

Vignati — Tenho 20 anos de carreira, toda ela dedicada a trabalhos contrários a toda a colocação do sistema que aí esteve. Talvez tenha sido eu um dos diretores que mais tenha feito espetáculos políticos em épocas em que falar de política já era um crime. Sempre fiz espetáculos que discutissem o homem em si, ligado ao social...

Paulo — **Mas você não tem procurado o homossexualismo com uma forma de...**

Vignati — Eu nunca procurei. Produzi um espetáculo em 69/79, que foi "Alzira Power", em que o guei se apoderou do espetáculo como bandeira. Alzira era quase que o Brasil e era uma mulher muito louca, muito cheia de excentricidades. No Rio de Janeiro, onde a peça estreou, se tornou moda assistir "Alzira Power", considerado um espetáculo guei. Esta é uma das razões que fez com que eu estreasse a peça em São Paulo. Aqui, as coisas se transformam em acontecimento e no Rio de Janeiro transformam-se em moda. Eu tinha medo que a moda carioca transformasse "Bent" num passaporte só ligado ao mundo guei, e que a peça perdesse a sua essência maior que é o ser humano.

Paulo — **Os atores da peça são homossexuais?**

Vignati — Não. Outra razão que me motivou violentamente a escolha do elenco, como proposta de encenação, foi a seguinte: que os dois atores que fizessem o Max (Kito Junqueira) e Horst (Ricardo Petraglia) não fossem homossexuais.

Fukushima — **Cruzes! Porque essa discriminação?**

Vignati — Não se trata de discriminação. Se fossem gueis já abririam caminho pra que o espetáculo fosse encarado como direcionado ao homossexual.

Zezé — **Mas existem atores homossexuais na peça. Para o público que se conhece, a presença de homossexuais trabalhando na peça é latente, mas isso não vem ao caso. Quero saber se você sentiu dificuldade na questão de aceitação dos atores — digamos, heterossexuais — pra esses papéis?**

Vignati — Não, absolutamente não.

Zezé — **É que recentemente um determinado atorzinho se recusou a interpretar um papel de homossexual no antigo seriado Malu Mulher.**

Vignati — Ah, sim, isso tem muito tempo. Mas isso ocorre por quê? Porque são atores que não têm profundidade nenhuma. Eles só têm imagem e vivem em função dela. Conheço muitos deles. São atores que não sabem o que é trabalhar voz, corpo, desenvolver o seu intelecto, se aprimorar, se dedicar a cada momento. Pra você ter uma idéia: eu trabalhei de final de 78 até 81 com 500 atores ligados ao universo global e talvez apenas cinco por cento desses atores lêem, trabalham. Esses atores (?), fatalmente, não vão aceitar determinados papéis porque a imagem vai ficar queimada. O talento, onde é que está?

Fukushima — **Vignati, você não acha que aquela cena do nu (maravilhosa) serve apenas como chamariz?**

Vignati — Não, porque ela está ligada a uma realidade da Alemanha. Naquela época não existia repressão. O alemão talvez seja um dos seres humanos que mais exibe a sua nudez sem nenhum problema. A presença do garoto entrando em cena nu, com aquele despojamento todo, é muito própria da época. Os homossexuais andavam na rua normalmente maquilados, sem qualquer problema. A perseguição aos gueis foi um golpe político que o Hitler usou pra acabar com a SA. O Hitler, antes de subir ao poder, incentivou violentamente o homossexualismo. O Ernst Rohn, que o levou ao poder, era amigo particular dele e era homossexual.

Fukushima — **Eu soube que esse personagem que aparece nu em cena, interpretado por Paulo César Grande, foi escolhido a dedo e a centímetros, numa sauna de São Paulo. Isso é verdade?**

Vignati — Mentira total. O texto exige uma pessoa bonita. O nu é uma coisa muito importante, tem que ser belo. Se você botar alguém nu em cena e essa pessoa não tem um corpo bonito, eu já acho deplorável. É preferível aparecer com roupa. Ou então encontrar o belo. O rapaz foi escolhido aqui, no teatro, através de testes, onde concorreu com 42 pessoas.

Fukushima — **Entendi tudo. Mas eu acompanho muito a parte sindical e...**

Vignati — E a lei sindical prevê 1/3 dos atores que fazem o espetáculo podem ser amadores ou não. Dentro do teatro brasileiro já fizeram coisas muito mais terríveis, como foram os casos de "Hair", "Balcão", "Cemitério de Automóveis" e outros, onde os atores chegaram a ser escolhidos até na rua.

Zezé — **Quanto você gastou na montagem da peça?**

Vignati — Eu não fiz nenhuma economia. Gastei 4 milhões de cruzeiros.

Zezé — **Você não acha que a peça estaria passando o homossexual por um lado muito cristão ao público, a tal ponto de ele chegar e dizer: "Ah, coitadinho..."**

Vignati — Mas o Max não é um coitadinho. Ele é um vilão, um bom filho da puta. Ele aproveita de todo o mundo para sobreviver.

Fukushima — **Um dos pontos altos da peça, na minha opinião, é aquela cena de amor através de frases eróticas, onde os dois atores atingem o orgasmo sem se tocarem. Partindo desse exemplo, você acha que o homossexual é mais sensível do qûe os heterossexuais? Muitas pessoas acreditam nisso.**

Vignati — Toda pessoa que faz parte de uma minoria reprimida já é mais sensível do que as demais. Eu, por exemplo, tive um problema aos 14 anos e passei por um processo de repressão muito grande em relação à sociedade. Eu sofri um acidente e perdi a voz durante 17 anos. Somente a recuperei há nove anos atrás. Nesse período, eu não podia viver em sociedade normal, não tinha voz e ninguém me entendia. O que eu desenvolvi? Um lado de leitura, de percepção, de aprofundamento, entendeu?

Paulo — **Pra finalizar, uma coisa que não pode passar desapercebida pelo** Lampião: **você é bicha ou não?**

Vignati — Eu não tenho nenhum preconceito contra o homossexual. Cada um deve ser aquilo que acha que é. Todo ser humano deve assumir as suas condições.

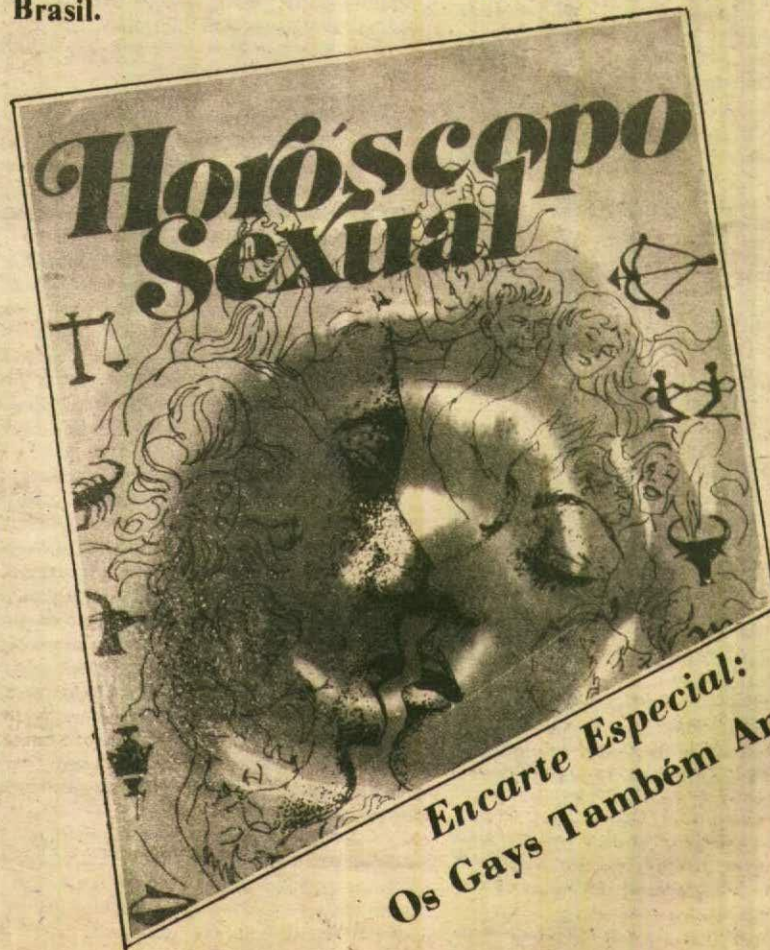
Paulo (insistindo) — **Não, não, não. Você, pessoalmente...**

Vignati — **Eu, na minha vida, assumi tudo o que devia ser.**

O dia em que Peréio viu o que é que Vera Abelha tem

Vera Abelha vocês manjam: foi a "estrela" da peça **A Engrenagem do Meio**, de Darcy Penteado, e é uma espécie de musa invertida do Francisco Bittencourt. Agora, ela é, também, a terceira mulher no novo filme de Arnaldo Jabor, **Eu Te Amo**. As outras duas são Sônia Braga e Vera Fischer, mas a gente aposta que Verinha come as duas de letra. No filme (vide foto) ela contracena com Paulo César Peréio, aquele ator que tem voz de culhões. O que não adianta muito, no caso; ela vira o rapaz de costas e fuque, fuque, fuque. Tudo isso de brincadeirinha, é claro, mas **very exciting**, como diz Elza, a Lacraia de Passo Fundo, no seu inglês com sotaque pampeiro.

Arnaldo Jabor, o **divine** diretor de **Eu Te Amo**, fala, aqui, sobre sua experiência com Vera (ela atualmente anda sumida na Europa, e o filme estréia agora):

"Uma das seqüências mais impressionantes do filme talvez seja o momento em que o personagem Paulo, vivido por Peréio, tem um encontro amoroso com um travesti — Vera Abelha. Travesti? Diria que não é bem um travesti. A seqüência, como afirmei, recebeu um tratamento meio shakesperiano, meio alucinado, mágico. Para a cena fizemos uma lua artificial brilhando sobre as pedras do Arpoador, sobre as ondas. Ipanema vista de longe, um clima irreal. Sei o quanto é difícil encontrar um ator para fazer esse papel, por isso procuramos um travesti que se superasse, que fosse e adquirisse formas de mulher, que fosse, enfim, uma pessoa de talento e inteligência capazes de dignificar o papel, um monólogo longe e complicado. Vera Abelha foi capaz. Ela é um senhor talento."

“Gay Fantasy”: rumo às estrelas

1

Os deslumbrados com o sucesso de Gay Fantasy **não devem esquecer que o espetáculo é composto de muitas coisas, de vários ingredientes e que são eles, principalmente, os responsáveis pelo notável êxito do** show. Gay Fantasy **não vive apenas de nomes estelares, mas do esforço conjunto de um grupo de pessoas que trabalhou arduamente por mais de um mês para conseguir os resultados que agora se aplaude.**

O que eu quero dizer é que exaltando principalmente os nomes de Bibi Ferreira, Rogéria e Joãozinho Trinta esquece-se o chamado elenco de apoio que é, de fato, o responsável por tudo de bom que acontece na montagem atual do Teatro Alaska. Senão vejamos: o que seria de Gay Fantasy **sem o enorme talento histriônico de Marlene Casanova e de Verushka, ambas comediantes cuja tarimba ficou bem comprovada no histórico** Gay Girls, **que depois de um ano em cartaz marcou o início de uma nova possibilidade de carreira digna para os travestis de talento? E por falar em talento, não se pode deixar de falar aqui, e de por em destaque as atuações de Jane, Eloina e Cláudia Celeste. Para quem viu** Gay Girls **(e quem não viu?) Jane e Eloina são uma maravilhosa surpresa. Refreadas por Bibi em seus arroubos sensuais de muito peito e muita bunda de fora, ambas revelam-se atrizes de enorme talento, contidas e dignas, capazes de dizer um texto, cantar ou dançar como atrizes escoladas. Além disso são muito lindas, verdadeiro prazer aos olhos. Cláudia Celeste está no mesmo caminho, e com a técnica que já possui, poderá ser uma grande atração em pouco tempo.**

Os senões do espetáculo ficam por conta de um texto machista fraquíssimo, que só tem graça quando é enxertado pelas criações e/ou repetições de Gay Girls **de Marlene Casanova e Verushka; está mal também o** star system **que vigora desvairadamente durante todo o** show, **com Rogéria fazendo questão de brilhar em excesso e de repetir alguns de seus trejeitos de estrela já bem conhecidos. Mas nada disso empana a alegria que nos transmite** Gay Fantasy, **resultado de** Gay Girls **e início de uma série de espetáculos que vai dar muito o que falar dentro do teatro brasileiro.**

(Francisco Bittencourt)

2

Gay Fantasy é um dos espetáculos de maior sucesso de bilheteria no Rio de Janeiro. Antes mesmo de nascer esta fantasia, muita gente já tinha previsto o seu êxito. Para começar a produção resolveu investir positivamente, contratando bons profissionais como Bibi Ferreira, Joãozinho Trinta, Marco Antônio Palmeira e Arnaud Rodrigues. O resultado, associado ao talento nato dos atores travestis, somente poderia resultar num bom trabalho. E, felizmente, foi o que aconteceu. Mas é bom lembrar que antes da **Gay Fantasy** o Teatro Alaska havia apresentado **Gay Girls** e **Hollywood Gay**, dois bons **shows**, que apenas precisavam de algumas pinceladas mais fortes. O importante deste novo espetáculo é constatar o novo espaço ocupado pelos travestis. A luta que esta "minoria das minorias" vem travando no sentido de ser reconhecida é digna de louvor. Dentro de uma sociedade machista, preconceituosa e altamente discriminatória, os esforços para se conseguir respeito e aceitação não são fáceis. Conheço o trabalho de cada ator do **Gay Fantasy** há muito tempo. Sei que eles não são os melhores artistas do Brasil. Mas se levarmos em conta o grande passo dado na carreira de cada um no ano que passou, chegaremos à conclusão que foi dada a partida para a conquista de um mercado difícil e fechado, mas que poderá tranqüilamente abrigar esta nova forma de fazer arte. Nova aqui nestas bandas tupiniquins, é claro.

Vamos ao espetáculo em si. **Gay Fantasy** é um belo **show**. Todas as bichas estão fazendo das tripas o coração para tirar de um texto infelizmente muito fraco o melhor proveito possível. Rogéria continua com sua estrela brilhando mais do que nunca. Verushka, Marlene Casanova, Jane e Eloina dão o seus recados. Existem falhas que são compreendidas, na medida em que com o decorrer do tempo todas irão aprimorar o trabalho. Mas o maior pecado desta peça é o texto. Na realidade o Arnaud Rodrigues não conseguiu trabalho criativo.os palavrões usados são apelativos demais. Fica a sensação de que o autor não se preocupou em dar uma olhada mais profunda no assunto. A concepção cênica de Joãozinho trinta está bem bolada e associada ao trabalho de Marco Antônio Palmeira resultou numa ótima idéia. Os figurinos corretíssimos. Parabéns Eloína, você arrasou, heim filhinha? Bibi Ferreira é a responsável pela direção. O que dizer de Bibi? Simplesmente que ela conseguiu entender o clima de uma produção totalmente gay, e colocar sua mão abençoada num grupo que precisa de alguém como ela para melhorar o nível deste tipo de **show**. Enfim, **Gay Fantasy** tem tudo para ficar muito tempo em cartaz. Agrada bastante. (**Adão Acosta**)

Marlene Casanova e Cláudia Celeste (acima), Verushka e Rogéria (abaixo): muita competência

3

Sei que o estranho contubérnio entre a célula do PP em Vila Isabel e a viúva de Holden Roberto no Brasil vai ver, como sempre, segundas intenções nas minhas palavras. Vão achar, por exemplo, que estou frustrado porque gostaria de ver meu nome, nos letreiros de **Gay Fantasy**, no lugar (não da Rogéria, que isso seria pedir demais) de Arnaùd Rodrigues. Mas a verdade é que o texto que este escreveu para o mais luxuoso e eletrizante de todos os espetáculos de travestis jamais encenados no país é um desastre. O público ri muito, é claro; mas ri da verve desses artistas impagáveis, principalmente de Marlene Casanova, que eu conhecia como uma cantoreca, e que agora vejo como uma comediante de primeira mão. Mas bom mesmo, só quando Verushka faz a paródia do Jornal Nacional, e esta não foi escrita pelo Arnaud, e sim por José Fernando Bastos, cujo nome — justiça seja feita, né? — nem aparece nos créditos.

De qualquer modo, num espetáculo de plumas e paetês não é o texto o que mais conta. E aqui, então, o que mais conta é o esforço dos artistas. Rogéria, ainda uma vez, recebe tarefas bem aquém do seu talento, mas acrescenta a todas elas sua contribuição pessoal, e transcende: é a última grande vedete deste país. Cláudia Celeste é a explicação definitiva para o fato de o Brasil não ter grandes bailarinos homens: qualquer bichinha de talento inato para a dança (e é o seu caso) bota logo um sapato alto, uma peruca e um **cache-sex** e vira travlô — os bailarinos "homens" do **show**, perto dela, parecem meras galinhas d'Angola (**please**, ativistas do Rio: não vejam nisso uma alusão a ninguém que vocês conheçam).

E que dizer das tocantes performances de Eloína e Jane, as duas do elenco que, visivelmente, melhor aproveitaram os ensinamentos de Bibi Ferreira? Elô continua em sua firme caminhada em direção ao título de "a mulata mais bonita e gostosa do Brasil". Agora, sem a dureza que em **Gay Girls**, o **show** anterior, ainda lembrava aquele maravilhoso "negão" que (ai, que saudade, querida!) ela foi na Lapa. E Jane acertou em cheio adotando a linha "mulherão sexy e desligada" (uma sugestão, **darling**: um quadro sobre uma turista americana; peça ao José Fernando que ele escreve pra você).

Gay Fantasy, como estava na primeira semana, sem os **cacos** que os artistas certamente vão acrescentar ao texto pobre de Arnaud, já é espetáculo para ficar dois anos em cartaz. Eu, por exemplo, pretendo vê-lo muitas vezes ainda. Mesmo que, para isso, tenha que fazer como fiz da primeira vez: disputar um ingresso, a socos e pontapés, com a legião de heterossexuais, principalmente argentinos e assemelhados, que para lá acorrem todas as noites. É incrível, mas, por causa deste **show**, até na Galeria Alaska as bichas agora também são minoria... (**Aguinaldo Silva**)

Rogéria, o ator: enfim a revelação

Na noite que antecedeu a divulgação dos resultados dos prêmios Mambembe para os melhores do teatro carioca, não consegui suportar a ansiedade de comunicar um fato a Rogéria; fui ao Teatro Alaska onde ela se apresenta com **Gay Fastasy**. Me preparei espiritualmente e lhe dei a notícia: "Rogéria, você ganhou o Prêmio Mambembe". (**Nota da redação**: Rogéria ganhou na categoria "revelação do ano", por seu desempenho em **O Desembestado**, peça em que estreou como atriz dramática, contracenando com Grande Otelo). Ela virou para mim, olhou dentro dos meus olhos como se fôssemos um caso apaixonado e disse: "Verdade mesmo?" Segurou no meu braço e deu um aperto: estava emocionada.

Na manhã seguinte todos os jornais noticiaram o fato. O Jornal do Brasil, pela segunda vez em sua história, abria em suas preconceituosas páginas espaço para dar uma foto da "estrela". E como se não bastasse, na sua seção de "serviço", outra foto de Rogéria. O Globo não ficou atrás: sob a foto de uma deslumbrante mulher louríssima, a legenda, sem nenhuma ironia: "Rogéria, revelação de ator". A Última Hora/Revista programou uma matéria com a premiada. Uma constatação: ela acabou eclipsando os outros premiados, entre eles o melhor ator do ano, Antônio Pedro, e a melhor atris, Marieta Severo.

Já informada do prêmio, Rogéria deu um depoimento exclusivo para o **Lampião**, quando se preparava para entrar em cena. Foi no camarim em que divide com Marlene Casanova os cremes, as roupas, as plumas, as miçangas e os paetês (eu, particularmente, morro de inveja de um lindo boá de rabo de galo com o qual ela entra no final de **Gay Fantasy**). Rogéria fala de sua premiação:

— Este prêmio foi a consolidação de um talento que as pessoas sempre disseram que eu tinha. Aqui vai uma frase que eu sempre digo: "artista não tem sexo". O Mambembe significa a abertura dos críticos. Como nosso país é cheio de preconceitos, embora indicada, fiquei com medo de "sambar" na hora da premiação. Mas os críticos foram imparciais, e isso veio comprovar o carinho que há algum tempo eu venho merecendo da crítica nacional.

Enquanto Rogéria vai falando, o camarim vira uma verdadeira festa. Homens e mulheres insistem em dividir com a "estrela" este momento de glória. Ela faz uma cara de Tacherine Deneuve e responde a tudo e a todos. Chegam clores, cartões, etc., mas o presente mais insólito vem da cantora lírica Maria d'Aparecida: um vidro de remédio para a garganta, "especialmente para que a voz fique afinada". Acompanhando o presente, um cartão em francês, no melhor espírito d'Apareida: "votre exhibition est parfaite". Rogéria emocionadíssima. Este será, sem dúvida, o ano da "estrela"; quem viver verá. (**Adão Acosta**).

E por esta Argentina, quem chora?

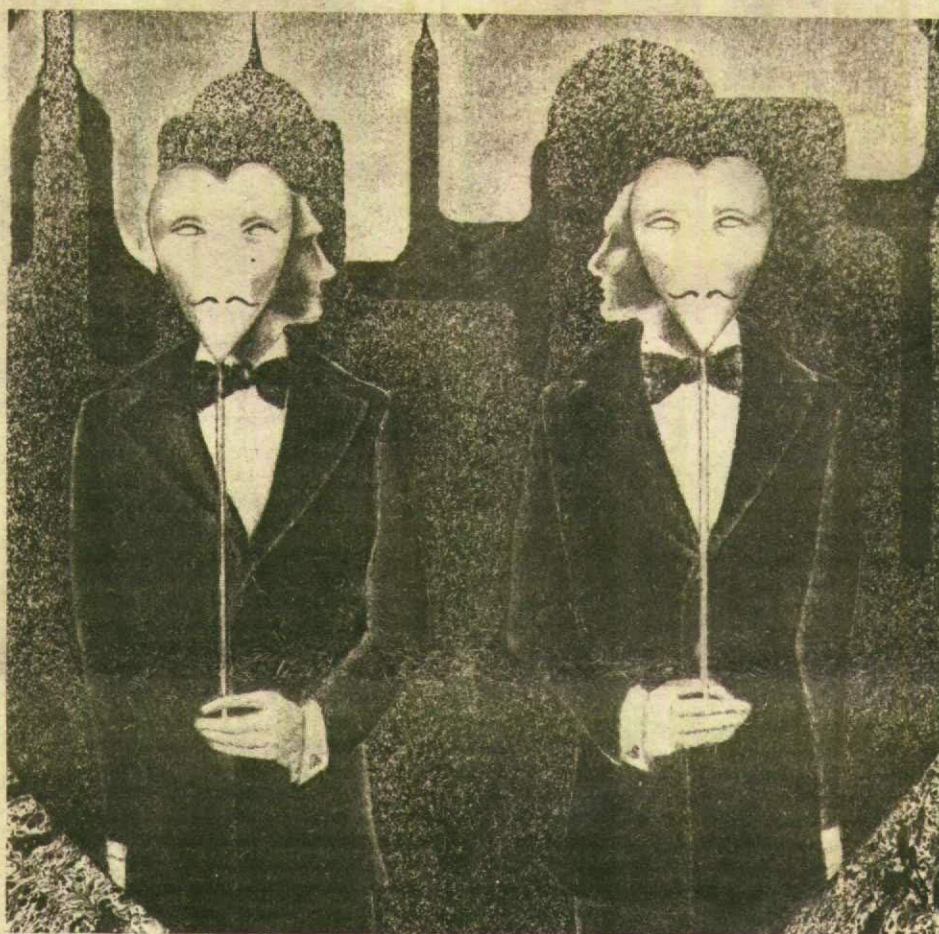
Córdoba já foi uma bela cidade do interior da República Argentina. Era famosa pela doçura de seus mancebos que, apesar da profunda tradição católica local, sabiam escapar dos laços da culpa e se entregavam generosamente às delícias de uma transa "entre amigos". Típicos paradoxos do mundo hispano-americano! Cidade ardente também no combate político, Córdoba lançou-se à insurreição popular de 1969 (conhecida como "cordobazo") e marcou o início de uma série de lutas "revolucionárias" que duraram até a tomada do poder pelos militares em 1976. Então, a hiperpolitizada Córdoba foi duramente reprimida — mas, já em 1974, sob o governo de Perón, um governador de esquerda tinha sido derrubado por um chefe de polícia...

Após o golpe militar, toda a população se tornou objeto de suspeitas. Em meio a gigantescas caçadas a suspostos guerrilheiros, tanto as prisões como as internações em campo de concentração se tornaram coisa cotidiana no país. Os homossexuais de Córdoba, acostumados a passear sem descanso, passaram a ser interrompidos por patrulhas militares. Os bares e boliches entendidos foram fechados. O mais popular de todos, chamado de Anjo Azul, que ficava no centro, agora é um cinema de arte. Aumentaram as prisões arbitrárias "para verificação de antecedentes". E mediante esse terrível mecanismo, qualquer cidadão pode ser detido sem nenhum motivo, apenas para "comprovar sua identidade". Mesmo assim, as bonecas nativas continuaram circulando pelas ruas, com uma frescura surpreendente se comparada à férrea perseguição antiguei em Buenos Aires.

Se a formosura de Córdoba diminuiu nesse período, desapareceu definitivamente a partir da sanção do Novo Código de Contravenções que entrou em vigência no interior do país a partir de junho de 1980. Inspirado nos decretos policiais que vigoram em Buenos Aires desde 1946, o novo instrumento legal visa explicitamente os homossexuais. Assim, o Artigo 22, que pune a prostituição com 30 dias de detenção, pretende abarcar aqueles que "encontram-se ou permanecem na vida pública em circunstâncias que aparentem um atentado à decência pública". O mesmo artigo explicita que a punição "será aplicada também ao homossexual ou viciado sexual. Comparado com este decreto, entretanto, o famoso Artigo Segundo H (alusão aos homossexuais) vigente em Buenos Aires acaba sendo mais tolerante, já que obriga a polícia a "demonstrar" que o homossexual estava efetivamente se prostituindo. Claro que tal requisito é cumprido através de testemunhas falsas, cuja forma de recrutamento revela sobejamente o "jeitinho" argentino: se, mesmo pressionado pelas porradas o detido se recusa a assinar a confissão, a polícia obrigar qualquer transeunte a prestar testemunho contra o infeliz. Às vezes, escolhe-se um outro preso para essa tarefa, com a promessa de deixá-lo em liberdade.

Como se isso não bastasse, a polícia cordobesa dispõe de outro contundente recurso: pode utilizar o Artigo 23 do mesmo Código, que prevê prisão de até 90 dias para "os homossexuais ou viciados sexuais que freqüentam menores de 18 anos" (sic). Por "freqüentar" deve-se entender, por exemplo, tomar um cafezinho diante de uma escolinha infantil — mesmo porque é delito de "corrupção" dormir com alguém menor de 21 anos, passível de 3 a 8 anos de prisão. Os sobreviventes dessas investidas deverão também evitar o uso de "trajes contrários à decadência pública, dependendo do local" — cuidado, portanto, para não ir ao mercado vestindo paetês, senão você pegará 10 dias de cana... E tem mais: palavras e gestos "obscenos" merecem 20 dias de cadeia, havendo punições para inscrições ou desenhos "contrários à moral pública", etc. Há proibições até mesmo de que menores de idade participem de bailes de carnaval.

Todas essas sanções são proferidas pelo Chefe da Polícia, sem qualquer intervenção da Justiça civil, coisa que só é possível mediante apelação. Mas, apelar nas condições brutais das delegacias argentinas, torna-se uma perigosa utopia. Tentativas nesse sentido acabam conduzindo a "celas especiais" ou torturas. E mesmo que a apelação ocorra nada garante que o juiz favoreça o detido.

Os novos regulamentos policiais não atingem apenas os homossexuais, mas também as prostitutas, os bêbados, os desempregados — enfim, toda essa gente que dá má fama às cidades... Foram fechados os hotéis suspeitos (de freguesia naturalmente heterossexual) e se exerce uma severa vigilância contra qualquer ponto de diversão noturna. De um modo geral, parece que a repressão sexual instaurada em Buenos Aires vai se estendendo a todo o país, com o objetivo de extirpar drasticamente tudo o que se distanciar da moral familiar. Na cidade de Rosário, reiniciaram-se com fúria as batidas típicas da época de luta antiguerrilha. Como já não há subversivos, agora as operações policiais se dirigem aos homossexuais, prostitutas, hippies, vadios (ou desempregados) e toda gente que pareça estranha. Insuflada por uma Liga da Decência local, a administração militar sancionou diversos decretos moralizadores que chegam a proibir que os homens andem sem camisa pelas ruas — seja qual for o verão...

Esse tipo de medidas não é apenas mais uma eclosão de orgia controladora típica do regime argentino — cujos chefes parecem festejar cada novo dia de governo com uma nova proibição. Apesar de que a resistência política e sindical encontra-se amordaçada mediante métodos ferozes, o aparato policial não dá sinal algum de ter se afrouxado. Ao contrário, parece firmar-se cada vez mais. Em Buenos Aires, a presença policial é tão espantosa que acaba sendo incômodo andar pela rua. Ultimamente começaram a proliferar "polícias de trânsito" que usam mangas brancas e não estão exatamente preocupados com o movimento dos carros; preferem interrogar — ou até mesmo prender — os transeuntes "suspeitos". A estratégia do governo parece pretender montar um aparato de controle e vigilância tão rigoroso que nenhuma pitada de heterodoxia poderá passar desapercebida, mesmo a nível pessoal.

Trata-se de um processo de "repressão quotidiana" diferente, por exemplo, da repressão propriamente política cuja violência provocou ondas de protesto em todo o mundo. A repressão quotidiana complementa-se com uma propaganda onipresente que já conseguiu carrear boa parte da população para os delírios futebolístico-patrióticos do regime, legitimado pelo fervor popular durante a vitória na Copa do Mundo de 1978 — quando o general Videla foi ovacionado por estudantes secundaristas. Entusiasmada, a ditadura argentina deu livre curso à demagogia nacional-populista, conseguindo levar imbecilizadas famílias tanto aos estádios quanto aos desfiles militares.

Nesse contexto, o reforço do arcabouço anti-sexual não significa um episódio isolado. Antes, faz parte de um plano que, a longo prazo, visa manietar o país para distanciá-lo da "subversão internacional" e imunizá-lo contra toda mudança no terreno dos costumes. O regime argentino vê com horror os fenômenos de liberalização sexual que estão ocorrendo no Ocidente e a ele contrapõe, insistentemente, as bandeiras da "moral cristã". A censura poda todo material que possa "subverter os valores tradicionais", dando a conhecer, periodicamente, listas de textos cuja circulação está proibida. Nos meios de comunicação, por sua vez, cuida-se para não se tocar em "temas tabu".

Não podia faltar, detrás de tanto puritanismo, a mão sinistra da Igreja Católica, que mantém o monopólio absoluto das crenças religiosas do país. Todos os governos procuram sua aliança e ajudam a entregar os pecadores aos braços armados da lei secular. Sistematicamente, a Igreja aparece ligada aos momentos importantes de moralização nacional: o populista Perón entrega-lhe (1946) a educação e, de presente, os decretos anti-homossexuais. O desenvolvimentista Frondizi (1958) legaliza o ensino privado religioso e nomeia o Comissário Margaride, inimigo número um dos homossexuais argentinos. As campanhas de moralização do ditador Onganía (1966/70) integram-se ao catolicismo mais reacionário e chega a fechar os banheiros dos metrôs, para evitar que os "pervertidos" se encontrassem ali. Mas, como a Igreja opta pelo bando pòpulista, não é coincidência que o segundo governo de Perón retome as campanhas de moralidade, em 1974.

Mesmo assim, a Igreja consegue colocar-se à direita do governo. Quando, por exemplo, o atual Ministro de Educação do Estado de Buenos Aires se declarou a favor da educação sexual nas escolas, porta-vozes da Igreja acusaram-no de estar fomentando a imoralidade e ensinando os jovens a dissimular as conseqüências de seus pecados. Tudo porque o Ministro deu como argumento para sua proposta o fato de estarem aumentando os índices de doença venérea e gravidez precoce no país. Mas não há ilusões: o governo tende a considerar-se como último baluarte das tradições "ocidentais e cristãs" e continuará com sua guerra santa ao sexo. É o que proclamam os militares, nas palestras que realizam habitualmente para os pais de alunos, nos colégios: "Subversão não é apenas colocar uma bomba ou jogar um panfleto. É subversivo todo aquele que tenta subverter uma norma. São subversivas as relações pré-matrimoniais, o adultério, o aborto, as drogas, a homossexualidade." Etc., etc.

Por motivos de segurança, mantém-se incógnito o autor da matéria. (Tradução de João Silvério Trevisan)

Biblioteca Universal Guei

Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os.

NOVIDADES

A CONTESTAÇÃO HOMOSSEXUAL
Guy Hocquenghem
150 páginas, Cr$ 320,00

Em que momento, e através de que excesso de peso, característico de tal designação, alguém mergulha no papel de homossexual público, assumindo uma determinação social que permite aos outros descarregarem sobre essa pessoa necessidades de encarnação, acusação e distanciamento? Hoquemghem faz a si mesmo esta pergunta, e a responde num livro palpitante.

SEXUALIDADE E CRIAÇÃO LITERÁRIA
Organização de **Winston Leyland**
251 páginas, Cr$ 400,00

As famosas entrevistas do jornal norte-americano Gay Sunshine, reunidas num livro e agora publicadas no Brasil: Tenessee Williams, Gore Vidal, John Rechy, Allen Ginsberg, Christopher Isherwood, Roger Peyrefitte e William Burroughs falam de suas experiências como homossexuais, e de como esta preferência sexual influi em seu trabalho de escritores.

BALU
Jorge Domingos
66 páginas, Cr$ 150,00

Segundo o ator Anselmo Vasconcelos (a Eloísa de "República dos Assassinos"), é o maior romance guei já escrito no Brasil. O autor, que vive em mistério na cidade de Petrópolis, diz que "Balu" quer mostrar o mal que o bissexual pode causar ao hetero e ao homo. Uma obra que **Lampião** recomenda especialmente. Um livro explosivo.

O AUTORITARISMO E A MULHER
Maria Inácia d'Ávila Neto
128 páginas, Cr$ 300,00

Uma contribuição original à análise sócio-cultural da condição da mulher no Brasil e das relações de poder entre os sexos numa sociedade patriarcal. Um livro que ajuda a entender, também, o mecanismo da dominação machista exercida sobre os homossexuais.

Os mais vendidos

1 — **BLUE JEANS**
Zeno Wilde e Vanderley Aguiar Bragança
As aventuras e desventuras de cinco rapazes, todos michês no Grande-Rio (61 páginas, Cr$ 200,00)

2 — **INTERNATO**
Paulo Hecker Filho
A história de um grande amor homossexual adolescente num colégio interno gaúcho (72 páginas, Cr$ 200,00)

3 — **NO PAÍS DAS SOMBRAS**
Aguinaldo Silva
Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial e morrem por isso (97 páginas, Cr$ 300,00)

4 — **O BEIJO DA MULHER ARANHA**
Manuel Puig
Um terrorista e um homossexual, presos num cárcere argentino, descobrem o sexo e o amor (246 páginas, Cr$ 320,00)

5 — **FALO**
Paulo Augusto
Ousados poemas homossexuais escritos por um lampiônico de primeira hora (70 páginas, Cr$ 150,00)

Faça sua escolha

O ESTIGMA DO PASSIVO SEXUAL
Michel Misse
72 páginas, Cr$ 100,00

Um estudo sociológico sobre o estigma que se abate sobre os passivos sexuais — a mulher e o homossexual.

A FUNÇÃO DO ORGASMO
Wilhelm Reich
310 páginas, Cr$ 330,00

A obra máxima de um dos principais teóricos da revolução sexual.

UM ENSAIO SOBRE A REVOLUÇÃO SEXUAL
Daniel Guérin
192 páginas, Cr$ 300,00

Anarquista, bissexual, Guérin, neste livro escrito em 1968, fala do mesmo tema: a liberdade sexual.

TEOREMAMBO
Darcy Penteado
108 páginas, Cr$ 200,00

Um bofe a prazo fixo, uma bichinha sorveteira, um Papai Noel fanchone: muito **non sense** no último livro do autor de **A Meta**.

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVI
João Silvério Trevisan
139 páginas, Cr$ 200,00

A história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

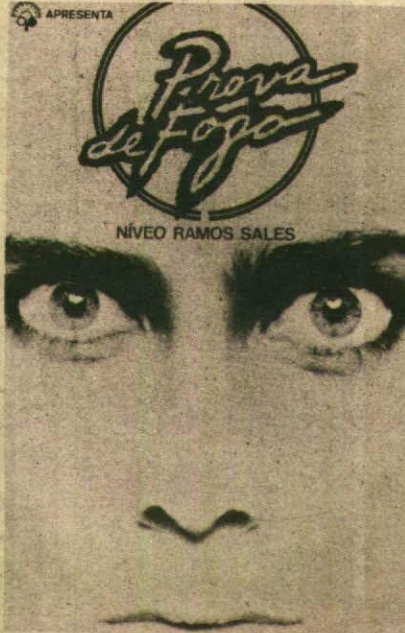
REPÚBLICA DOS ASSASSINOS
Aguinaldo Silva
157 páginas, Cr$ 300,00

Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!)

O CRIME ANTES DA FESTA
Aguinaldo Silva
136 páginas, Cr$ 150,00

A trágica história de Ângela Diniz e seus amigos. Um libelo contra o machismo e a opressão.

A oferta do mês

A META
Darcy Penteado
99 páginas
O livro de estréia de um escritor que é também um ativista em favor dos grupos estigmatizados. "Darcy Penteado ilumina detalhes do gueto a que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito" (Léo Gilson Ribeiro). Da safra de livros entendidos publicados no Brasil nos últimos anos, **A Meta** já é um clássico. Últimos exemplares à venda, a preço especialíssimo: apenas Cr$ 200,00. Somente os cem primeiros pedidos serão atendidos.

PROVA DE FOGO
Nívio Ramos Sales

A história de um pai-de-santo dividido entre duas entidades: um viril boiadeiro e uma sensual ciganinha. Um livro palpitante sobre os bastidores da umbanda e do candomblé, apresentando uma nova visão dos ritos afro-brasileiros: um caminho para a liberação sexual. Faça já a sua reserva; aproveite o preço especial de pré-lançamento. 108 páginas, Cr$ 300,00. O filme Prova de Fogo, **baseado neste livro, será lançado em abril.**

ESCOLA DE LIBERTINAGEM
Marquês de Sade

Uma bicha, uma lésbica, um casal heterossexual e depois, uma quinta pessoa, um jardineiro, reunidos numa mansão, se entregam a todo tipo de exercícios amorosos. O objetivo: transformar a jovem e ingênua Eugênia numa grande amante, numa adepta fervorosa do pansexualismo. Um dos livros mais crus e ousados jamais escritos. A obra-prima do genial Marquês (172 páginas, Cr$ 350,00)

NUS MASCULINOS/81
Fotos de Cynthia Martins

A subversão lampiônica chega às tradicionais folhinhas: em vez das pin-ups habituais, apenas rapazes nus. De janeiro a dezembro, fotos incríveis para você pendurar no seu quarto, ou no seu banheiro. Últimos exemplares. (Cr$ 200,00)

SHIRLEY
Leopoldo Serran
95 páginas, Cr$ 200,00

A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão.

O DIGNO DO HOMEM
Paulo Kecker Filho
72 páginas, Cr$ 1.000,00

Em edição especial, de luxo, um dos livros mais ousados já escritos no Brasil. Conheça a mala de ouro!

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr$ 250,00

Aguinaldo Silva, Jean-Claude Bernardet e outros discutem as relações entre sexo e poder.

OS HOMOSSEXUAIS
Marc Daniel e André Baudry
173 páginas, Cr$ 250,00

Um livro escrito com o objetivo de desmistificar o homossexualismo enquanto assunto tabu.

EU, RUDDY
O próprio
60 páginas, Cr$ 500,00

Poemas de rara sensibilidade e fotos ousadas do autor. Uma obra para colecionadores.

LANÇAMENTO

OS CÃES LADRAM
Truman Capote
345 páginas, Cr$ 450,00
Um livro incrível sobre pessoas e coisas com quem Truman Capote, o grande escritor homossexual norte-americano, conviveu. Marlon Branco, Jean Cocteau, Ezra Pound, Marilyn Monroe, Louis Armstrong, André Gide e outros personagens ilustres. Capote é o autor de "A Sangue Frio".

Todos estes livros podem ser pedidos, pelo reembolso postal, à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41.031, CEP 20.400, Rio de Janeiro, RJ). O total de cada pedido será acrescido do valor do seu porte.

Se você pedir acima de quatro livros, receberá como bri[illegible] inteiramente grátis, um exemplar do cale[illegible]rio Nus Masculinos/81.

Aguarde os próximos lançamentos da Esquina: **A Bicha Que Ri** (coletânea de piadas entendidas) e **Histórias de Amor** (de Aguinaldo Silva, Darcy Penteado, João Silvério Trevisan e Gasparino Damata).

Esquina

Carmen Miranda, alive and well

Alô, alô, fanzocas incontestes da maravilhosa Maria do Carmo Miranda da Cunha — ou simplesmente Carmem Miranda. Preparem-se para reviver a brejeirice, o rebolado, o adejamento das mãos, os trejeitos maneiros e a brilhante interpretação da **Pequena Notável**, através de seus maiores sucessos. A **Ariola Discos** acaba de lançar no mercado, a bem cuidada produção de dois elepês, reunindo 31 gravações originais da década de 40, quando nossa Musa Inspiradora conquistava multidões com seus sucessos na Broadway e em Hollywood.

Ao desembarcar, naquele maio de 1939, no porto de Nova Iorque, contratada pelo empresário americano Lee Shubert, Carmem Miranda trazia consigo seus trajes de baiana, saias rendadas, tamancos de saltos exageradamente altos, turbantes com muitas flores e frutas, balangandãs e muito babado. A grande estrela dos shows do antigo **Cassino da Urca**, em menos de um mês em convívio americano, já estava preparada para sua estréia triunfal na Broadway, com o show **Ruas de Paris**, no disputado Teatro **Broadhurst** da famosa avenida nova-iorquina. Após terminar seu número, uma chuva de palmas eclodiu por todos os cantos do teatro, deixando Carmem bastante emocionada. Anos mais tarde, em 1946, o público podia ver Carmem Miranda encenando **Copacabana**, filme produzido pela United Artist, onde revelou-se como atriz, interpretando o duplo papel de Carmem Navarro e Mademoiselle Fifi, ao lado do inesquecível **Grouxo Marx.** Foi a Glória!

Um dos elepês, **Carmem Miranda On Broadway**, traz a seleção de 16 músicas que mais empolgaram seu imenso público dos teatros, destacando-se: **Alô, Alô,** de André Filho; **Boneca de Peixe, composição de Ary Barroso e Luiz Iglésias; Cô Cô Cô Cô Cô Cô Rô** ou Marchinha do Grande Galo, de autoria de Lamartine Babo e Paulo Barbosa e **Diz Que Tem** de Vicente Paiva e Hannibal Cruz.

O outro elepê, **Carmem Miranda in Hollywood,** reúne 15 gravações originais de trilhas de filmes, em que Carmem participou. Este reúne um número de sucesso bem mais conhecidos do público brasileiro, como: **Touradas Em Madri,** de João de Barro e Alberto Ribeiro; Mamãe eu Quero (em versão norte-americana, **I Want My Mama**) de Jararaca e Vicente Paiva; **Cai Cai** de Roberto Martins; **Chica Chica Boom Chic,** autoria de Harry Warrem e Mack Gordon; **O Tique-Taque do Meu Coração,** de Alcir Pires Vermelho e Walfrido Silva; **O Que é Que a Baiana Tem?** de Dorival Caymmi e o sensacional **Tico-Tico no Fubá** de Zequinha de Abreu, E. Drake e Aloysio de Oliveira.

A seleção do repertório, dos dois elepês, coube a Antônio C. Duncan e ao jornalista Cássio Barsante, que também preparou a pesquisa dos encartes (texto e seleção de fotos). Agora basta você adquirir estas preciosidades e pôr-se diante do toca-discos e acompanhar freneticamente os sucessos da Pequena Notável, também carinhosamente apelidada de **Mulher Bicha. (Antônio Carlos Moreira)**

Ricardo Fragoso Tupper

Bichices ipanemenhas

"E lá vou eu, e lá vou eu, pela imensidão do mar..." foi o refrão mais ouvido nas bocas e nas rádios, antes e durante o carnaval carioca. O samba-enredo da Portela serviu para alegrar a multidão que seguiu a Banda de Ipanema, dois sábados antes do carnaval, e para agitar os **habituées** do Bar Garota de Ipanema, depois da praia do Sol.

Em meio a alegria incontida, as bichas cariocas ou vindas de fora marcaram o ponto em qualquer aglomerado festivo. Do **réveillon** ao carnaval a volúpia momesca tomou conta daquele pedaço da Rua Montenegro, e se a princípio as bichas se limitavam a fazer pegação na calçada defronte ao bar, no final já caíam no samba tomando todos os espaços livres.

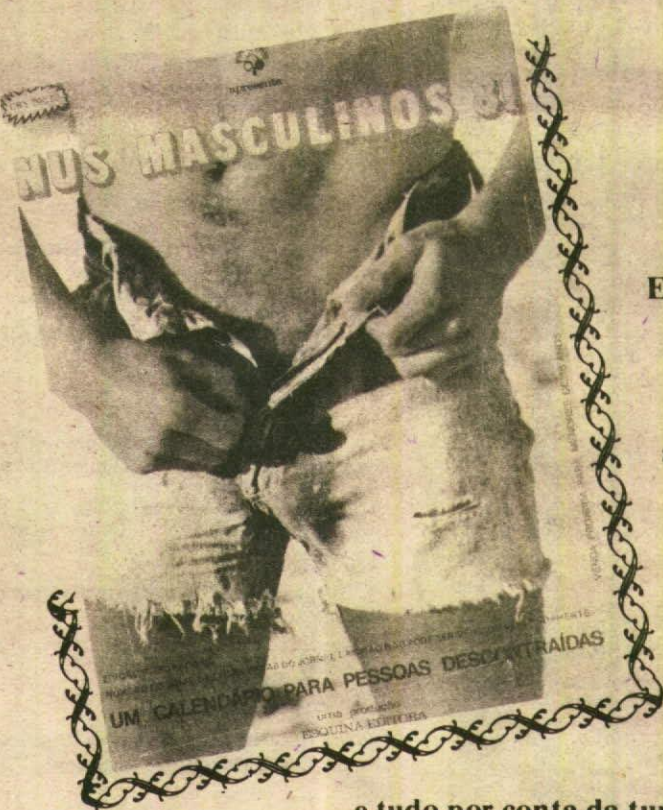
A festa sempre começava na praia, onde as pessoas se encontravam defronte ao Hotel Sol de Ipanema, todos os fins de semana. Os beijos, abraços e a "promiscuidade" chegavam a chocar os hóspedes do hotel e os mais desavisados, mas não provocaram reações violentas. A ordem era geral: depois da praia todos para o Garota.

No bar a festa começava por volta das 15h e no final da tarde o movimento era tão grande que provocava engarrafamentos. No asfalto, as passistas (bichas metidas a mulatas do Sargentelli) faziam um rebu que deixava os turistas atônitos. Até bichas argentinas, ou michês, não sei, caíram na gandaia trucidando o espantalho machista que baixou por lá.

Por fim, a gloriosa Banda de Ipanema, tão esperada pelas caricatas (homens vestidos de mulher) que saiu carregando centenas de pessoas pelas ruas do bairro. Este ano, como nos anteriores, pintaram fantasias criativas e surrealistas, como uma Naja Gay, toda de verde, portanto um peru enorme feito de mola. A alegria varreu mais uma vez as ruas, durante quatro horas, mas acabou como um orgasmo mal realizado e com uma esperança de que no carnaval a loucura fosse maior. (Aristides Nunes)

Um jornal com muitas chanas

O Grupo de Ação Lésbica-Feminista (SP), acaba de lançar na praça o mais novo jornal gay: CHANACOMCHANA. Trata-se de uma publicação independente onde as meninas do GALF procuram de uma forma séria analisar mais profundamente a questão homossexual feminista.

A seleção de matérias do primeiro número está excelente; deve-se louvar a tarimba e o profissionalismo, visto que não se trata de um boletim interno. O título é muito bom, a ambigüidade deverá causar críticas e discussões, mas como explicam; "A palavra Chana não pode ser definida como órgão sexual feminino. É algo tão mais amplo quanto os contrapontos de existir." Se você se interessou escreva para Caixa Postal — 293 — São Paulo. **(Dolores Rodrigues).**

Salvador, mais de mesa que de cama

Quando cheguei de Salvador fui imediatamente bombardeada de perguntas. O que eu fiz ou deixei de fazer, se havia descoberto, o que é que a baiana tem, as badalações e paqueras. Daí, resolvi matar a curiosidade e colocar no papel algumas conclusões sobre a cidade do Salvador.

A princípio, confesso, fiquei um pouco perdida e traumatizada com o Sistema de Transporte Coletivo (?). Salvador como cidade turística está prá lá de Bagdá — Aliás, lá deve ser melhor; pelo menos você consegue descolar um camelo e conhecer os poços de petróleo. Os ônibus andam sempre lotados e costumam demorar horas. Caso você tenha um encontro marcado, trate de sair com bastante antecedência; mas se o encontro for com um nativo(a), não se preocupe muito. Quem acaba esperando é você.

Se você não dispõe de um carro, nem pense conhecer Itapoã num domingo. A noite não conte com eles, após às 22 horas as conduções somem.

Domingo no Porto da Barra todo mundo agarra, mas não pode amar... Caetano cantou, mas agora dá **status** freqüentar o Porto durante a semana, depois do meio-dia; antes é perda de tempo. Ali o folclore é o mais variado possível. As amigas baianas dão um colorido todo especial ao local com suas tangas a lá Gabeira. O topless só tem vez quando Gil ou Caetano pintam no pedaço (coincidência ?). Aos domingos o programa pode acontecer em Itapoã, de preferência entre as ruas K e M, onde o "Gay People" da cidade se encontra pra bater um papo, tomar muita cerveja regada a acarajé, mas cuidado: não pense estar muito a vontade para praticar um **botton-less**. Você pode acabar apanhando. Eu assisti estarrecida um rapaz ser quase linchado por vinte homens defensores da moral e dos bons costumes.

As festas de Largo — como são chamadas todas as comemorações católicas tipo Senhor do Bonfim, Boa Viagem, Conceição, Rio Vermelho, etc. —, são verdadeiras demonstrações de resistência física. O Afoxé e o amba-de-roda são o realce da badalação. A pegação corre solta tanto para heteros como para homos. Se você é ciumenta, prefira ir só, ou então deixe as encenações pra depois, fica muito difícil não olhar pro visual. Cuidado com os batedores de carteira e também com a polícia, ela parece não gostar muito de demonstrações afetivas em público. Duas amigas foram parar na delegacia local por estarem trocando beijos no meio da multidão. Pode?

O **Banzo** é um ótimo local; ele fica no Pelourinho, perto da zona dos travestis-ponto histórico. De todos os bares locais este parece ser o mais descontraído. Lá você pode paquerar, beijar, pegar e até praticar um **topless** relâmpago. Mundico o dono não costuma reprimir a freguesia. Já no **Zanzibar** o astral é diferente, você pode paquerar muito discretamente, mas os mais afoitos geralmente são convidados a pagar a conta — questão de opção —: Neide que o diga. Perto do Relógio de São Pedro, você pode parar no **Saloon** e de repente papear com as meninas(os) do GGB (Grupo Gay da Bahia). A conversa poderá render muita militância. Para quem faz o tipo fino escolha o **Le Fiacre**, ali no Barra Avenida. O ambiente é selecionadíssimo.

De Salvador? Tenho muitas saudades... Beijos para Tany, Virginia, Cristina, Berê, Rogéria, Arlete, etc. e tal.

Bahia de cama e mesa; mas eu continuo preferindo a mesa. **(Dolores Rodriguez)**

Carta aberta, ou abaixo a fofoca

Caro Trevisan, li as suas **Histórias que Mamãe Revolução não contava**. Muito bem escritas, como sempre, e também oportuníssimas. Você é danado, hein? Só fiquei um pouco sem saber se era mais contra Cuba ou mais contra a esquerda brasileira... Ah, tem outra coisa: o seu ataque disfarçado à minha pessoa. Ora, porque você omitiu meu nome, pensou que eu ia ficar zangado de ser chamado de pusilânime e burrinha? Que bobagem, eu não dou a mínima pra essas coisas...

Vejo que tudo começou quando escrevi no número 29 do jornal um artigo chamado **Dando nome aos bois**, onde estranhava que os grupos estivessem espinafrando **apenas** a esquerda, quando afinal ainda vivemos num regime de direita. Citei no início a expressão homossexualista, não porque pretendesse atacar o Grupo de Ação Homossexualista, mas apenas porque me pareceu uma expressão ri-dí-cu-la, como capitalista, comunista, etc. Aliás, o grupo até já tinha mudado de nome para Outra Coisa. Como você já havia declarado publicamente sua desilusão com o ativismo gay, não poderia imaginar que algum grupo ainda fosse a menina dos seus olhos. Este grupo especialmente, me parecia, e ainda tenho a impressão, uma dissidência à direita (e não de direita, entenda bem) do Somos-SP e da Convergência Socialista. Portanto, não há nada de pessoal. Tudo poderia até ter sido esclarecido pessoalmente, se na sede do jornal e na festa do teatro Rival você não tivesse fingido que não me viu com caras e bocas, embora eu tenha estado tão perto de você que poderia ter beliscado a sua bunda, se quisesse.

Por outro lado, minha inclusão entre os ortodoxos partidários da "luta maior" só demonstra desconhecimento do que escrevi até hoje neste jornal. Consulte sua coleção, e aliás convido os grupos e leitores em geral a fazerem o mesmo.

Mas como sou um carioca panteísta, posso dar tudo o que me for pedido (tudo, menos o meu coração), até uma resposta no melhor estilo Comitê-central às suas estalinianas insinuações. Acho inevitável a interpenetração dos partidos políticos e grupos de minorias às vésperas de uma eleição importante como teremos em 1982. Não a acho boa, entretanto inevitável. Por isso até me alegro que esteja se dando com o PT do Lula, com a Convergência e com o Libelu (que no boletim do Outra Coisa você acusou — sem ainda provar — de apêndices de organismos estrangeiros) do que com o PDS do general Golbery, o PTB de dona Ivete, O PDC de dona Sandra Cavalcanti ou uma falange qualquer dessas por aí.

Não é preciso concordar para preferir. A democracia **não** é uma unanimidade. A liberdade é fundamentalmente a liberdade de quem discorda de nós. O fato de achar a Hora do Povo porralouca e o Lula meio babaca não me impede de agitar contra os processos que sofreram vindos da direita. Acho que vocês estão superestimando a Convergência, o MR-8 e o Libelu. São grupúsculos que jamais chegarão ao poder. Veja só a idade deles... São ritos de passagem para o mundo adulto, tal e qual nas sociedades ditas primitivas.

Espero termos chegado ao fim desta nossa vibrante polêmica teórica, que embora me recorde o recente entrechocar chinês de Chiang-Ching, Teng-hsiao-ping, já está muito quente para os 40º que fazem por aqui... Abraços e até breve. Ah, em tempo: continuo sem participar de nenhum grupo ou partido político. João Carlos Rodrigues.

História de macho-beleza

Mesmo correspondendo de certo modo, à ação inicial da peça que está em cartaz no Teatro do Bexiga, em São Paulo, tal título —Macho Beleza — dá a idéia errônea de mais um "oba-oba" homossexual, no caso, a incursão no dia-a-dia de um travesti. Porém, o texto de Tite de Alencastro propõe bem mais que isto. Na verdade, o homossexualismo, sendo a constante do espetáculo, é o propulsor de três propostas essenciais: a negação da personalidade sexual; a não delimitação entre as "diferenças" masculino-feminino; e o relacionamento incestuoso, fato comprovadamente comum na vida real, mas que continua sendo o mais delicado dos tabus — o que nenhum teatrólogo brasileiro abordou antes com tal coragem (desculpe-me, vovô, Nélson Rodrigues, lá do céu, se estou pecando), porque, neste caso, o relacionamento, além de incestuoso, é homossexual.

João Albano é um jovem diretor, mas trabalha com sensibilidade e precisão. Existe no cenário, por exemplo, uma conotação simbólica, onde se sente a mão sutil do diretor; vários aparelhos de tevê transmitem ao mesmo tempo imagens (e idéias) ocasionais, paralelas à ação da cena. A inquietação provocada por essas imagens determina a problemática do personagem Nando, que não se aceita sexualmente, preferindo adotar um estereótipo pré-fabricado pelo sistema.

Graças também à sutileza da direção, as cenas sexuais feitas a corpos nus distanciam-se do vulgar ou do obsceno. Carlos Arena consegue humanizar o travesti, bem além das interpretações do gênero; Jorge Cerruti, num papel difícil, contrapõe com vigor a vulgaridade do macho, adotada como defesa, e a aceitação da sua facção feminina; e Yur Fogaça, de físico agradável, faz o que pode, mas logicamente sem possibilidade de competir, devido ao pequeno papel, segurando as pontas dos outros dois (Darcy Penteado)

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/001-30; Inscrição estadual 81.547.113.

Editores: Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt e Adão Acosta (Rio); Darcy Penteado e João Silvério Trevisan (São Paulo).

Redação: Antônio Carlos Moreira, Alceste Pinheiro, Aristides Nunes, Dolores Rodrigues (Rio), Eduardo Dantas, Emanoel Freitas, Francisco Fukushima, Glauco Mattoso, Paulo Augusto (São Paulo), Alexandre Ribondi (Brasília).

Colaboradores: João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Agildo Guimarães, Fredirico Jorge Dantas, José Fernando Bastos e Aristóteles Rodrigues (Rio); Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza e Edward MacRae (Campinas); Celso Curi, Jorge Schwartz, Cynthia Sarti e Zezé (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba) e Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí) Luiz Mott (Bahia)

Fotos: Cynthia Martins e Ricardo Fragoso Tupper (Rio); Francisco Fukushima e Dimas Schtini (São Paulo) e Arquivo.

Arte: Antônio Carlos Moreira (arte-final), Mem de Sá (capa), Nélson Souto (diagramação), Levi e Hartur (charges).

Circulação: João Reis.

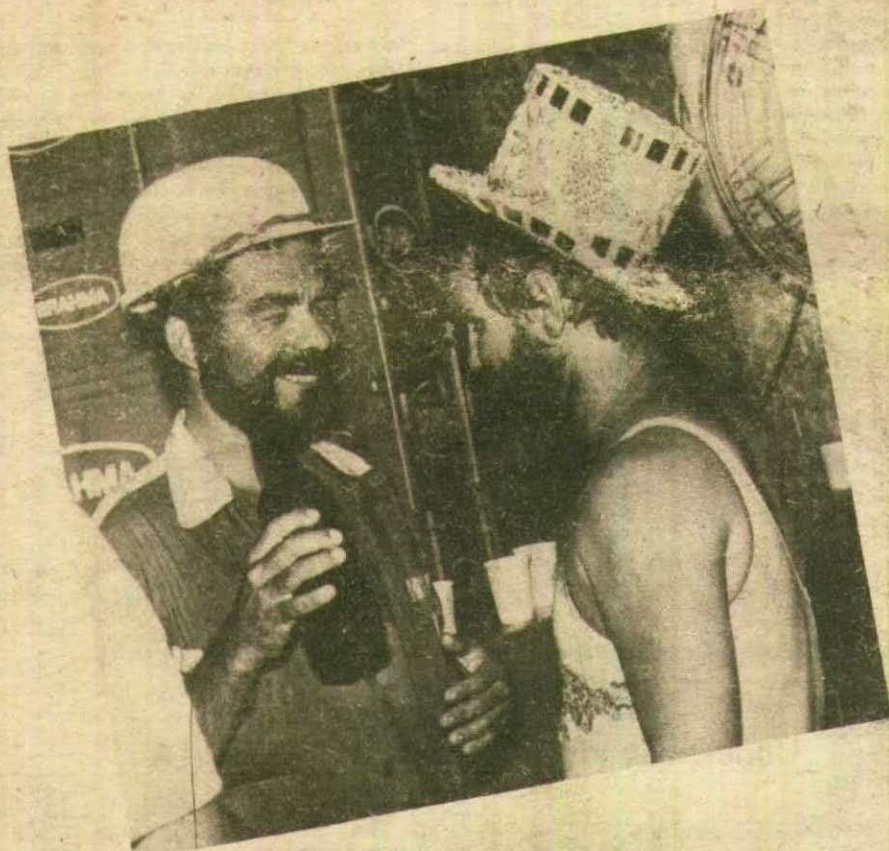
Distribuição: Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67); **São Paulo:** Paulino Carcanhetti; **Curitiba:** J. Ghignone & Cia. Ltda.; **Florianópolis e Joinville:** Amo Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; **Jundiaí:** Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda.; **Porto Alegre:** Salvador La Porta Distribuidora de Livros, Jornais e Revistas; **Campos:** R.S. Santana; **Belo Horizonte:** Distribuidora Palmares de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; **Juiz de Fora:** Ercole Caruzzo & Cia. Ltda.; **Goiânia:** Agrício Braga & Cia. Ltda.; **Brasília:** Anazir Vieira de Souza; **Vitória:** Norbin, Distribuidora de Publicações Ltda.; **Salvador:** Literarte — Livros, Jornais e Revistas Ltda.; **Aracaju:** Wellington Gomes de Andrade; **Maceió:** Gesivan R. de Gouveia; **Recife:** Diplomata, Distribuidora de Publicações e Representações Ltda.; **João Pessoa:** Henrique Paiva de Magalhães.

Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189, 4º andar, Rio de Janeiro.

Endereço: Rua Joaquim Silva, 11, sala 707, Lapa, Rio, RJ. Correspondência: Caixa Postal 41.031, CEP 20.400, Santa Teresa, Rio.

Assinatura anual (12 números): Cr$ 600,00 (Brasil) e US$ 25 (exterior). Número atrasado: Cr$ 70,00.

As matérias não solicitadas e não publicadas não serão devolvidas. As matérias assinadas publicadas neste jornal são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Geléia, queridinha, olha nós aí!

Fotos: Ricardo Fragoso Tupper

As irmãs Marzulo, três solteironas velhas que promovem todos os anos o Baile dos Enxutos (ai, que coisa mais antiga!) no Cine São José, este ano baixaram uma portaria, cumprida rigidamente pelo Geléia, o homem da entrada: pode entrar qualquer jornalista, menos o pessoal do Lampião. Quá, quá, quá, queridinhas! Metade do baile de vocês estava tomado por gente do Lampião. Por isso a gente soube de tudo o que aconteceu lá, e ainda fotografou. E só de sacanagem vão aí umas dicas pros leitores. Primeiro, uma bicha saiu do poleiro a certa altura (dizem que empurrada). Ficou tombada no chão durante alguns minutos, apagada. De repente, levantou (foi quando tocaram "Pega Ela, Peru"), e como se não tivesse acontecido nada saiu sambando.

Depois uma mulher (mulher mesmo, e não **molherrr**), diante do mar de seios masculinos que tremulavam no palco, resolveu mostrar o seu material e foi severamente admoestada pelo PM, o qual lhe disse: "A senhora se comporte, que este é um ambiente familiar". Furiosa, depois que o PM se afastou, a mulher resolveu tirar as calças. Mas foi expulsa do recinto, debaixo de severos conselhos, pela cantora Shirley Montenegro.

Parece incrível mas a porta do Baile dos Enxutos é como o túnel do tempo. A gente pára lá, e já está em 1960. É o único lugar da cidade onde os casais heterossexuais levam seus filhos "prà ver os viados". E não apenas ver, mas achincalhar com gritinhos e, os mais ousados, até puxar o rabo das bichas. Tudo isso sob o olhar benevolente de Geléia **and Company**, que só querem saber de cobrar o ingresso (este ano era Cr$ 1.500).

De qualquer modo — justiça seja feita —, lá dentro, a animação era grande. E tinha gente muito bonita, como os dois gueis da nossa capa, que estão prestes a trocar um beijo, inteiramente alheios ao que acontece ao redor. Só faltou, para que a festa realmente pegasse fogo que as próprias irmãs Marzulo se apresentassem no desfile de caricatas. Nós do Lampião — quer dizer, os lampiônicos disfarçados que faziam parte do júri — certamente votaríamos nelas...

E a gente acha ótimo ter a entrada proibida. Assim, fica mais divertido burlar a vigilância do Geléia e depois se esbaldar no salão. Quá, quá, quá!